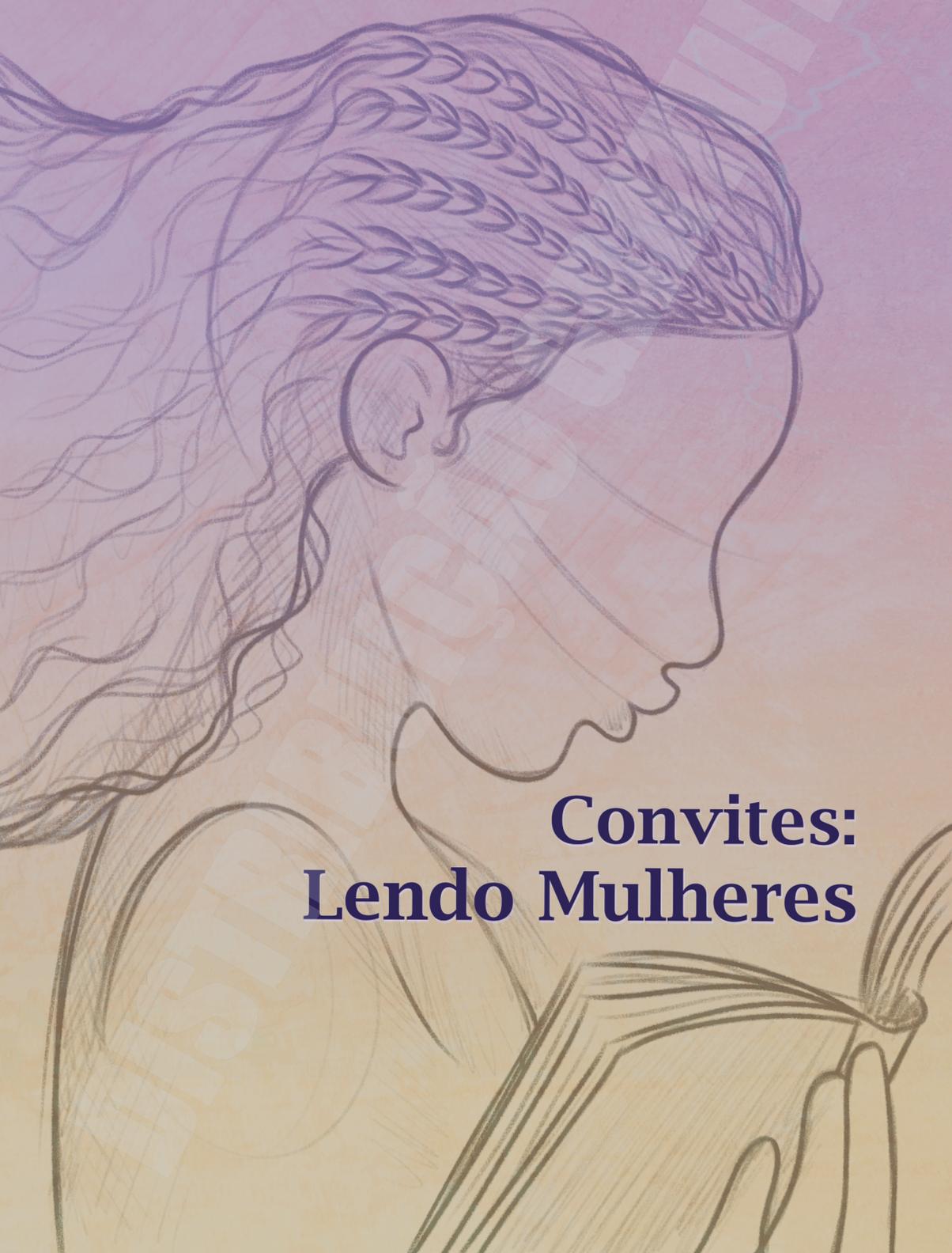


**Organizadora**  
**Alexandra Lima da Silva**



**Convites:**  
**Lendo Mulheres**

1º Edição - Copyright © 2024 dos autores

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei nº 9.610/98.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Convites [livro eletrônico] : lendo mulheres /  
Organizadora Alexandra Lima da Silva. - -  
1. ed. Belo Horizonte, MG : Ed. dos  
Autores, 2024.  
PDF

Vários autores.

ISBN 978-65-982982-2-7

1. Escritoras - Coletâneas 2. Mulheres  
na literatura I. Silva, Alexandra Lima da.

24-215807

CDD - 809.939287

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Mulheres na literatura: História e crítica  
809.939287

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB - 8/9253

---

**FICHA TÉCNICA**

**Organização:**

Alexandra Lima da Silva

**Autores:**

Estudantes do 1º período da disciplina Leitura e Produção textual  
do curso de Pedagogia da UERJ, no ano de 2024.

**Produção editorial, Projeto gráfico, diagramação e Capa:**

Priscila Paula



Priscila Paula

priscilapaula@hotmail.com.br

# Sumário

<b>Prefácio: convite à leitura</b> Alexandra Lima da Silva	<b>7</b>
<b>Um teto todo seu</b> Amanda dos Santos	<b>9</b>
<b>Orgulho e Preconceito</b> Ana Beatriz de Almeida Barbosa	<b>13</b>
<b>Quarto de despejo</b> Ana Beatriz Rosa Leite	<b>16</b>
<b>É assim que acaba</b> Ana Carolina Esteves	<b>19</b>
<b>Quarto de despejo: diário de uma favelada</b> Ana Carolina Silva de Medeiros	<b>21</b>
<b>Quarto de despejo: diário de uma favelada</b> Ana Carolyna Sousa da Paixão	<b>24</b>
<b>Quarto de despejo</b> Ana Clara Figueiredo Ferreira	<b>26</b>
<b>Eu sou Malala</b> Ana Clara Fontes	<b>30</b>
<b>O perigo de uma história única</b> Ana Laura Espindola Quintão	<b>36</b>
<b>É assim que acaba</b> Ana Luiza Sant'ana	<b>38</b>

<b>Quarto de despejo</b> Angeline da Conceição	42
<b>Heartstopper</b> Antonia Castilho	44
<b>Os sete maridos de Evelyn Hugo</b> Bárbara Vianna Lins	46
<b>Vermelho, branco e sangue azul</b> Beatriz Baptista de Aguiar	50
<b>O diário de Anne Frank</b> Beatriz Rocha Pimenta	53
<b>A hora da estrela</b> Bruna da Silva dos Santos	59
<b>A bruxa não vai para a fogueira neste livro</b> Bruna Sampaio dos Santos de Lima	61
<b>Quarto de despejo</b> Camila Ferreira de Azevedo	63
<b>O ódio que você semeia</b> Caroline Batista de Oliveira	65
<b>O ódio que você semeia</b> Clara Fernandes Bragança Romão	67
<b>Eu sou Malala</b> Cláudia Fátima de Souza Fernandes	71
<b>Olhos d'água</b> Daphyne dos Santos M. Trindade	75

<b>Persuasão</b>	
Desiree Thees Felicio	78
<b>Meu corpo, minha casa</b>	
Ellen Victória Gueiros de Souza	81
<b>As leis dinâmicas da prosperidade</b>	
Emily Cristiny Amaral Freitas	85
<b>Meu amigo pintor</b>	
Fernanda Accioly de Albuquerque Alves	87
<b>Cartas para Violeta</b>	
Gabriel Lucas da Silva Terra Ruas	89
<b>Tchau</b>	
Gabriella Haddad Tavares	91
<b>Fala sério, mãe!</b>	
Gabrielle Fernandes Pereira	93
<b>Vermelho, branco e sangue azul</b>	
Helena B. Barros dos Santos	96
<b>Ensinando a transgredir</b>	
Heloísa Custodio Miranda	97
<b>Meu amigo pintor</b>	
Igor Domingos da Silva	100
<b>Biografia de Frida Kahlo</b>	
Isabela da Silva Bento	103
<b>Por lugares incríveis</b>	
Isabella Veríssimo Magalhães	106

<b>O diário de Anne Frank</b> Isadora Bravo Santos Barbosa	<b>108</b>
<b>Minha história de perdão e cura</b> Jailane Santos da Silva	<b>114</b>
<b>Meio sol amarelo</b> João Gabriel Martins Cunha	<b>122</b>
<b>Minha vida fora de série</b> Júlia de Jesus Santana	<b>125</b>
<b>Convite para um homicídio</b> Juliana Vieira Ribeiro	<b>128</b>
<b>Extraordinário</b> Kaylane Rangel Porto Pinto	<b>131</b>
<b>Ensinando a transgredir</b> Stefanny Sodré de Azevedo	<b>134</b>

## **Prefácio: convite à leitura**

Rio de Janeiro, julho de 2024

Este livro nasceu a partir da necessidade de acolher a produção textual de estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no ano de 2024, como parte das atividades da disciplina Leitura e Produção Textual.

Cada estudante foi desafiada/o a escolher uma obra literária de autoria feminina, e a partir daí, escrever convites para a leitura desta autora.

O resultado foi um mosaico de muitos temas, sentimentos e sensações.

As aulas foram povoadas por escritoras do século XVIII ao século XXI, com alegria e entusiasmo.

Que este livro seja uma inspiração para todas/os nós, um lembrete da importância de ampliar nossos horizontes, de valorizar as vozes silenciadas e de celebrar o protagonismo e autoria feminina, que enriquece nossas vidas.

Ler mulheres é um exercício necessário na formação intelectual. Que a partir destes encontros, outras escritoras possam povoar nossas estantes.

Alexandra Lima da Silva



## Um teto todo seu

Amanda dos Santos

A escolha deste livro foi a forma mais sincera que achei de falar sobre as mulheres na literatura, além de sentimento, o livro nos mostra na prática como é ser uma mulher no campo da literatura, alguém que teve seu trabalho colocado em dúvida diversas vezes, voz de muitas outras mulheres, que ainda hoje passam pelos mesmos problemas que a autora do século XX.

O livro *Um teto todo seu* da escritora Virginia Woolf é um ensaio de palestras ministradas pela própria autora na faculdade de Cambridge, em 1928, o livro traz reflexões, pautas feministas sobre o papel das mulheres na literatura e dentro das universidades, pautas que foram refletidas pela autora na década de vinte, mas que são discutidas nos dias atuais. Pontos como o patriarcado e a forma que a luta feminista foi vista como algo banal. Assim como no livro, mulheres até hoje sofrem com seu trabalho sendo posto em dúvida, sua capacidade e autenticidade, e ainda são questionadas muitas vezes nos ambientes de trabalho, o livro te faz questionar se realmente entendeu o que ele quer passar, mas ao longo da leitura fica claro o que ela queria dizer.

As mulheres estão sempre sendo colocadas à prova, mas o livro nos mostra como isso, de forma bem polida, faz com que as vezes até a própria mulher se coloque à prova, duvidando de si. Mas, logo após nos mostra que aquele é seu lugar, onde mesmo aqueles que têm dúvidas sobre suas capacidades não são escutados, porque elas ensinam de mulher para mulher, o despertar da escrita. Mesmo sendo ficção a autora deixa implícito no começo do texto sobre as verdades que podem ser tiradas da história, mesmo que haja ficção, as verdades

ainda podem ser vistas por aqueles que leem e entendem o que nas entrelinhas ela queria demonstrar de forma prática o que era ser mulher dentro de uma universidade majoritariamente regida por homens. Um livro que te revela aos poucos nuances da romancista, uma escrita que te prende e uma história que te atrai.

Adeline Virginia Stephen nasceu em 25 de janeiro de 1882, em Londres, foi uma escritora modernista e romancista, teve um papel importante na história do feminismo, deu voz a muitas outras mulheres dentro da literatura, desde cedo foi apresentada a leitura, quando era criança, na casa de seus pais, havia uma biblioteca que a fez ter muito gosto pela literatura, com nove anos de idade, publicou seu primeiro jornal que circulava entre seus familiares, chamando-o de *Hyde Park Gate News*.

Virginia passou por muitos momentos difíceis, no livro *Momentos de vida* ela relata um abuso sexual que sofreu de seu meio-irmão, em 1895 quando sua mãe, por quem ela tinha muito apreço faleceu em 1895, Virginia teve sua primeira crise depressiva. Em 1904 ela passa novamente por outra crise depressiva depois que seu pai morre, mas desta vez ela teve o amparo de uma amiga com quem ela tinha um laço de amizade muito forte, Violet Dickinson.

Por causa dessa amizade, Virginia começou a publicar artigos em 1905, o primeiro deles *The Guardian*, no mesmo ano se voluntaria para ser professora de História e Literatura no Morley College, onde deu aula por três anos.

Em 1904 conheceu seu marido, Leonard Woolf, depois de se mudar para Bloomsbury em Londres, casou-se com ele em 1912, tiveram um casamento sem relações sexuais, mas com uma relação de companheirismo e troca intelectual.

No ano de 1915 publicou o seu primeiro romance, A

*viagem*. Ao decorrer do tempo ela e seu marido fundaram a editora Hogarth Press, que existe até hoje. Já em 1925 ela publicou seu livro de maior sucesso, *Mrs. Dalloway*. Na década seguinte a escritora já era uma figura renomada, dava palestras e ensaios constantemente.

Além de romances, Virginia também escreveu contos como *A casa assombrada e outros contos* (1944), *A festa de Mrs. Dalloway*, entre outros, também escreveu duas autobiografias, *Momentos de vida* e *Os diários de Virginia Woolf*.

Virginia morreu em 1941, por conta da crise de depressão a escritora cometeu suicídio em 28 de março de 1941, no Rio Ouse, no momento em que o país passava pela Segunda Guerra Mundial. Mesmo não estando presente em vida, Virginia Woolf sempre será lembrada, pelos seus trabalhos e feitos. A importância de seu trabalho, que foi fundamental para que outras mulheres começassem a se enxergar neste campo de trabalho, e muito além da literatura, dentro de universidades, política, postos que majoritariamente eram, e ainda são, ocupados por homens, ela deu voz e ajudou a traçar a linha para o futuro de muitas mulheres, ela foi a água que lavou os olhos daqueles que não enxergavam as mulheres como um todo, aqueles que só tinham uma visão quando se tratava do sexo feminino. Uma de suas citações, em particular, faz com que enxerguemos nitidamente a luta da mulher, “As mulheres têm servido há séculos como espelhos com poderes mágicos e deliciosos para refletir a figura do homem com o dobro do tamanho natural (...). Como ele continuará a fazer julgamentos, civilizar nativos, criar leis, escrever livros, vestir-se bem e discursar em banquetes, a menos que consiga ver a si mesmo no café da manhã e no jantar, pelo menos o dobro do tamanho que realmente tem”. Enquanto houver escritoras, a voz

das mulheres e os legados delas não morrerão.



A autora deste convite, no caso, eu, Amanda, foi inspirada pela escrita de muitas mulheres, hoje com 19 anos, também escrevo e gosto de publicar minhas histórias. Desde criança tinha a vontade de cursar pedagogia, muito influenciada pela minha madrastra, que é meu maior exemplo de mulher, criou dois filhos e só aos 40 anos de idade fez sua primeira faculdade, pedagogia. A escrita para mim sempre foi como uma forma de expressar aquilo que é sentido, mas precisa de um tempo para ser elaborado. A deste livro foi um tanto quanto pessoal, em algumas vivências me identifico muito com a Virginia, uma garota jovem que mesmo com todos os obstáculos que a vida colocou no caminho, conseguiu chegar onde queria, no meu caso, eu finalmente cheguei à pedagogia, ensinar e escrever faz parte de quem eu sou, Amanda Dos Santos, 19 anos, bissexual e mulher, futura pedagoga e escritora.

## Orgulho e preconceito

Ana Beatriz de Almeida Barbosa

O livro *Orgulho e Preconceito* da autora Jane Austen é considerado um clássico da literatura internacional. Escolhi este livro não apenas porque sou absolutamente fissurada por romances, - ainda mais os de época - mas porque acredito que o impacto da obra se estende para outras áreas, com o legado que a autora se esforçou para criar.

Ao ler esse romance, somos bombardeados com atos e costumes da Inglaterra no século XVIII, incluindo a expectativa feminina a respeito do amor. Em resumo, vemos a história da família Bennet, que consistia em um marido e uma esposa com cinco filhas. Devo lembrar ao leitor que a não muito tempo atrás mulheres não tinham autonomia própria, quem dirá em meados de 1800, então imagine o quanto esses pais com nenhum filho eram considerados azarados. Dito isso, contemplamos as divergências de personalidades das irmãs e como isso impacta a vida de cada uma. A mais velha, Jane, é bela, bondosa e talentosa, o que a faz ser uma pretendente para um cavalheiro rico, dono de uma casa naquela região. No entanto, como a reputação era tudo para uma dama, a sua família cômica e sem modos se torna tópico de desavença em um possível casamento. De um ponto de vista contemporâneo, é possível ver a objetificação feminina e como a identidade da mulher é definida por muitas coisas, menos pelo o que ela realmente é. Posteriormente, uma das irmãs mais "mal-educadas" foge com um homem e toda a reputação da família é posta em perigo, com o risco de nenhum homem querer casar com uma Bennet, pois uma mulher que teve relações antes do casamento não apenas não tem valor, como é uma desgraça para sua família.

Assim, temos exemplos do quão antipática era a antiga Inglaterra com suas mulheres, mas ainda assim, vemos nossa protagonista: Elizabeth Bennet, que não dispensa seus princípios, independentemente do que aconteça. Em um contexto onde a maioria das mulheres se casava por dinheiro ou ligações familiares, Elizabeth não aceitava a ideia de não se casar com alguém que não amasse, e chegou a recusar mais de um pedido de casamento, o que seria absurdo para uma mulher daquela época. Mesmo com o seu par romântico Fitzwilliam Darcy, Elizabeth apenas aceitou estar com ele quando teve a certeza de que estavam apaixonados, e de que ele era um homem bom.

E é essa a parte mais encantadora de *Orgulho e Preconceito*: como o amor e a percepção de realidade se entrelaçam, a cada página os personagens se veem obrigados a evoluírem além dos seus relacionamentos entre si. No processo de evolução, podemos ver o que alguns consideram "contradições" nos personagens, o que eu pessoalmente discordo. Ao se esforçar para entender que o livro é mais que uma simples história de amor, vemos como os contratos sociais e estigmas da época eram complexos, portanto devemos ter cautela para não cometermos anacronismos.

A parte das questões sociais, o livro é extremamente interessante para se ler do ponto de vista romântico: é baseado na premissa de duas pessoas que se desgostam e pelo decorrer da história se apaixonam, mais conhecido como *Enemies to Lovers* ("Inimigos á amantes"). A paixão que é nutrida é verdadeiramente admirável, como o próprio Sr. Darcy relata, o amor transpassa a classe inferior e a família inapropriada de Elizabeth, tal como as inimizades e a difícil posição social de Darcy. O interessante a se observar sobre o título, é que a primeira vista pensamos se tratar do protagonista, pois o mesmo é apresentado como muito

orgulhoso, e está constantemente sendo preconceituoso com Elizabeth por sua família. Mas após fazer a leitura, é fácil entender que o orgulho e o preconceito não são unilaterais: Elizabeth passou a maior parte do livro sendo orgulhosa, e rejeitando tudo que se opusesse a sua forma de pensar, e também, nutriu um preconceito por seu par romântico por conta de suas primeiras impressões e tudo que ouviu sobre ele. Este livro tem diversas camadas a serem analisadas, algo recorrentemente comum em obras de Jane Austen, seus romances são sempre cobertos de detalhes importantes.



Meu nome é Ana Beatriz Barbosa e tenho 18 anos. Por muito tempo fingi não gostar de romances, pois achava que me fazia parecer fraca e boba, até que conheci Jane Austen e suas protagonistas incríveis. A literatura me trouxe muitos saberes acadêmicos pelos quais sou imensuravelmente grata, mas maior que isso, descobri a beleza escrita dos sentimentos.

## Quarto de despejo

Ana Beatriz Rosa Leite

A escolha do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, para este trabalho, tem um significado particular. Eu já o conhecia, mas não profundamente. Até que, em uma pesquisa, decidi me aprofundar sobre este livro, baseado no folheto fornecido em uma aula sobre a autora. Este livro me remeteu à minha avó, pois ela também era uma mulher negra, foi empregada doméstica (hoje em dia ela é aposentada), mãe solteira e catadora de latinhas. A identificação com as vivências apresentadas no diário de Carolina Maria de Jesus me impulsionou a explorar as lutas e injustiças vividas por ela na sociedade brasileira do século XX.

Com isso, o livro relata quem foi Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra que nasceu em 14 de março de 1914 em uma família humilde na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, em uma comunidade rural. Aos sete anos, sua mãe a forçou a frequentar a escola, após a esposa de um rico fazendeiro pagar seus estudos. Entretanto, teve que abandonar no segundo ano, já conseguindo aprender a ler e a escrever, tendo prazer pela leitura. Carolina Maria de Jesus não rejeitava sua religiosidade, referindo-se a Deus em seu diário. Em 1937, sua mãe faleceu, e ela teve que migrar para a metrópole de São Paulo. Construiu sua própria casa, usando madeira, latinha e papelão, e todo material que encontrasse. Saía à noite para coletar papel a fim de conseguir sustentar a família. Ao mesmo tempo em que trabalhava como catadora, registrava os acontecimentos diários na comunidade em que morava na época, nos cadernos que encontrava junto aos materiais que recolhia, totalizando mais de vinte. Em um desses

cadernos, havia um diário que tinha começado em 1955, o que deu início ao seu livro *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. Carolina, que também era cantora, gravava discos e teve um álbum chamado *Quarto de despejo*, que contém 12 faixas, todas compostas e cantadas por ela. Infelizmente, Carolina faleceu aos 62 anos em 1977, vítima de uma Insuficiência respiratória, devido à asma que tinha desde seu nascimento.

Carolina é extremamente importante para nós, mulheres negras, pois, em meio a tantas adversidades e injustiças, ela foi à luta e lutou por todas nós com bravura. Isso é inspirador para mim, pois, em meio a tantas dificuldades, ser uma mulher negra de periferia, que luta para ter um futuro digno. *Quarto de despejo* ensinou que mesmo com dificuldades, é possível encontrar força e coragem para um futuro melhor. Pois, em meio a tantas dificuldades, Carolina persistiu e não desistiu, então para mim, ela é sinônimo de força e coragem. Com a leitura deste livro, veio-me à mente a música “Titãs” do cantor BK, em uma parte especificamente em que ele diz: “Eu quero ser maior que essas muralhas que eles construíram ao meu redor.” Pois assim, como BK, Carolina nos ensina que podemos ultrapassar os obstáculos impostos pela sociedade, e assim construir o nosso próprio caminho para a liberdade e a realização dos nossos sonhos. Portanto, convido a todos a ler *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.



Meu nome é Ana Beatriz Rosa Leite, e sou uma pessoa que não tem muito o hábito da leitura, mas estou criando aos poucos. Moro em Campo Grande, RJ, com meu pai, onde nasci e cresci. Confesso que pedagogia não foi a minha primeira opção, aliás, nem era uma opção, até o nascimento da minha sobrinha, dali tudo mudou e passou a ser uma das minhas opções, até então estou gostando do curso, e tem sido a minha melhor escolha. Sempre assisto à mesma série, que é "The Vampire Diaries", e os mesmos filmes, que são comédias românticas, sendo eles "Ele não está tão afim de você", "Juntos pelo acaso" e "Amizade colorida". Sempre que tenho tempo livre, estou assistindo ou no shopping. A escolha do livro de Carolina foi importante para mim, tanto pela representatividade, quanto pela história de vida dela.

## É assim que acaba

Ana Carolina Esteves

Collen Hoover é uma escritora norte-americana que escreve principalmente livros que abordam alguns tabus que estão atualmente interligados à sociedade, para explorar a complexidade das relações tóxicas e como o amor e o abuso muitas vezes coexistem em uma confusão de sentimentos.

Admiro a forma com que Collen Hoover consegue inserir metáforas e referências que fazem parte de nossas realidades, criando um elo ainda mais forte com a história, os personagens e o leitor.

Designei esse livro, pois este romance é uma história poderosa que retrata temas complexos, incluindo relacionamento abusivo e a importância de fazer escolhas difíceis para proteger a si mesmo. Através de uma história envolvente, Collen Hoover explora os altos e baixos do amor à superação e a busca pela felicidade verdadeira.

O livro *É assim que acaba*, com lançamento em 2022, é uma leitura que nos permite expandir nossas percepções a respeito da violência doméstica e desmistificar a ideia de que mulheres agredidas e abusadas compactuam com as atitudes do parceiro e/ou gostam de ter esses tipos de relacionamentos.

É impossível não tirarmos lições que levaremos para a vida toda. Collen sempre nos mostra que somos humanos, com nossos erros e acertos, e que ninguém é 100% perfeito em suas decisões ou escolhas. Às vezes a vida apenas acontece e tudo que nos resta é lidar da melhor forma possível.

Suas obras nos mostram a importância de nos aceitarmos e respeitarmos quem somos, de seguirmos nossos sonhos e a dar o melhor de nós para o mundo.

O enredo gira em torno de Lily Bloom, uma jovem que luta para superar um passado traumático, e Ryle Kincaid, um neurocirurgião. Enquanto eles marcam em um relacionamento apaixonado, segredos sombrios são revelados, desafiando-os a controlar suas próprias verdades e enfrentar suas cicatrizes emocionais. O livro oferece uma narrativa emotiva e provocativa que prende o leitor do início ao desfecho.

**OBS:** *todo final tem um começo, Collen em 2022 estreou a sequência do livro e lançou "é assim que começa".*



Ana Carolina, vascaína, aquariana e moradora de Santa Cruz - RJ, no auge de seus 23 anos realizou seu sonho de cursar o ensino superior e fazer o curso de pedagogia que sempre foi almejado desde menina.

## Quarto de despejo: diário de uma favelada

Ana Carolina Silva de Medeiros

A obra literária *Quarto de despejo* é uma autobiografia de Carolina Maria de Jesus que ficou conhecida após ter seus diários publicados em jornais. O livro tem uma leitura fluida e de fácil entendimento, ainda que com alguns erros ortográficos deixados lá propositalmente dando fidelidade à escrita original de Carolina. O livro nos convida a conhecer a vida da autora que de forma crua descreve sua realidade vivenciada no Canindé, uma favela que era localizada em São Paulo.

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, uma cidade localizada em Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914. Vinha de uma família pobre, estudou apenas dois anos, contudo sabia ler e escrever. Aos 23 anos se mudou para a cidade de São Paulo, inicialmente trabalhando como empregada. 11 anos mais tarde, com 34 anos mudou-se para a favela do Canindé onde nasceram seus três filhos. Durante os longos e duros anos de sua vida, Carolina tirou seu sustento trabalhando como catadora de papel, ferros e outros materiais recicláveis. E é exatamente isso que a autora do livro retrata, a dureza de uma moradora da favela. Uma mulher negra, mãe de três filhos e solteira. Ela é o retrato de quem vive às margens da sociedade, devida à tamanha desigualdade social.

Apesar de toda a dificuldade enfrentada, Carolina se mostrava apaixonada pela literatura e deixou claro em diversos momentos de sua obra principal sua preferência em escrever a gastar seu tempo com qualquer outra coisa.

Em meio aos seus diários, ela mostrava seu talento também em se expressar por meio de poemas, alguns inclusive postados por editores jornalísticos. Mas foi só

em 1958 que o jornalista Audálio Dantas conheceu a autora e, conseqüentemente, seu diário que foi publicado dois anos depois.

E foi nesse momento que a autora ficou conhecida, seu livro foi um sucesso de vendas e foi homenageada pela Academia Paulista de Letras e pela Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo. Através do seu sucesso, Carolina conseguiu sair de sua vida miserável no Canindé juntamente com seus três filhos para morar em uma casa de alvenaria, onde continuou escrevendo e dando origem a outras obras. Porém com o tempo, caiu em esquecimento e morreu no dia 13 de fevereiro de 1977 em São Paulo.

Toda essa descrição da vida de Carolina, assim como de sua obra é de suma importância para entendermos o grau de sua realidade relatada no seu diário "*Quarto de despejo: diário de uma favelada*". Carolina nunca escondeu suas origens, pontos de vista e seus pensamentos acerca do mundo e realidade que vive. E dessa forma, podemos até compreender a peculiar escolha pelo nome do seu livro: "[...]Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. [...] Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo."

Essa obra literária deve ser lida por todas as pessoas em todos os lugares porque Carolina nos ensina que mesmo em meio a sua dura realidade social ela ainda consegue ter esperança e encontrar motivos para continuar se alegrando e lutando pela subsistência de sua família.



E eu, também Carolina, não Maria de Jesus e sim, Medeiros compartilho de alguns -ainda que poucos- aspectos da vida da autora, sou moradora de uma das milhares favelas do Rio de Janeiro. E mesmo ainda com 18 anos de vida, posso observar muitas outras Carolinas Maria de Jesus que vivem ao nosso redor o tempo inteiro, lutando para conquistar o seu espaço que já deveria ser seu por direito. Por isso, te convido a leitura dessa grande obra literária que se posiciona até sua última linha como um poderoso protesto contra a pobreza e exclusão social.

## Quarto de despejo: diário de uma favelada

Ana Carolyna Sousa da Paixão

O livro *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* foi escrito por Carolina Maria de Jesus, escritora brasileira que residia na favela do Canindé, em São Paulo. No livro, relata sua vida e seus desafios para sobreviver e criar seus três filhos como uma catadora de papel.

Sempre ouvi falar da obra de Carolina, o que me despertou interesse e curiosidade por muito tempo. Ao ver uma pessoa lendo este livro na rua e escrevermos uma biografia da autora em sala de aula, esse desejo foi revivido. Vi, finalmente, a oportunidade de lê-lo. Ademais, considero ser uma obra importante, e que permite um ponto de vista diferente, impactando significativamente seus leitores e sua visão de mundo.

Recomendo a leitura deste livro por considerar importante proporcionar diferentes perspectivas do mundo e das relações sociais que permeiam nosso dia a dia. Principalmente quando se trata de assuntos tão importantes, que são ignorados e negligenciados bem debaixo dos nossos narizes. Tendo em vista a grande desigualdade social em que vivemos, ter pessoas conscientes do que acontece ao seu redor é estar um passo mais perto de mudar esse cenário.

A partir do relato de Carolina, é possível que outros vejam através dos seus olhos, o que é estar e viver na sua realidade, que muitas vezes é ignorada. Onde a violência, a falta de acesso à educação e à saúde e a ausência de perspectivas futuras prevalecem. Além da dor, da fome e do sofrimento, esse relato é também uma denúncia e pedido de justiça frente a sua luta diária por sobrevivência e dignidade. Todos os dias, ela precisava lutar contra o próprio medo e o desespero da fome.

A complexidade das suas experiências, sendo uma mulher negra, pobre e muitas vezes marginalizada, reflete o quão enraizado os preconceitos estão na nossa sociedade. Contudo, ela foi e é voz para as muitas que vivem a mesma história, mas que são silenciadas e impedidas de expressar qualquer revolta. Conhecer sua história nos desafia a questionar nossos próprios privilégios e buscar meios de proporcionar uma vida digna e justa para todos. Carolina é exemplo de coragem e perseverança, frente os maiores desafios se reergueu e seguiu como pôde, se tornando uma figura significativa na literatura brasileira através da escrita de seu diário contando suas vivências.



Me chamo Ana Carolynna, tenho 18 anos e moro em Duque de Caxias - RJ. Desde a infância tenho interesse pela leitura, gosto da maioria dos gêneros literários. Este livro me fez refletir sobre muitos aspectos da nossa sociedade e sobre as concepções de mundo predominantes. Espero que ele gere o mesmo impacto reflexivo em todos que se permitirem conhecer um pouco do dia a dia de Carolina.

## Quarto de despejo

Ana Clara Figueiredo Ferreira

Hoje, convido os leitores para a leitura do livro *Quarto de despejo*, escrito pela autora Carolina Maria de Jesus. A autora escolhida é considerada uma das mais importantes escritoras negras da literatura do país. Carolina nasceu em 1914, em Sacramento, cidade localizada em Minas Gerais. Enfrentando dificuldades desde muito pequena, frequentou a escola por pouquíssimo tempo, através da patroa da casa em que sua mãe trabalhava como lavadeira. Em 1937, Carolina, mãe solteira, mudou-se para São Paulo com seus três filhos, chamados Vera Eunice, José Carlos e João José, no momento em que surgiram as primeiras favelas. A escritora e suas crianças moraram por muito tempo na favela do Canindé, a primeira grande favela de São Paulo, situada às margens do rio Tietê, na zona norte do estado. A única fonte de renda de Carolina resumia-se a catar papéis, latas e outros materiais recicláveis para que pudesse vender, em busca de algum dinheiro para alimentar seus três filhos, os quais Carolina criava totalmente sozinha.

O livro *Quarto de despejo* foi sua mais importante obra, um diário no qual a escritora registrava a dura realidade e as dificuldades enfrentadas por ela e seus filhos no cotidiano exaustivo. Além do relato de toda miséria, Carolina denunciava as desigualdades sociais e o caráter dos representantes políticos, os quais só demonstravam solidariedade e comoção em forma de ajuda em épocas de eleições. O diário escrito por Carolina foi descoberto pelo jornalista Audálio Dantas, encarregado de escrever uma matéria sobre a favela na qual a escritora residia. Lá, Audálio conheceu Carolina, descobriu que a mulher costumava escrever sua visão de

dentro da favela e percebeu que não haveria ninguém que contasse melhor essa história a não ser Carolina. Por isso, o jornalista resolveu fazer com que a obra de Carolina fosse publicada no jornal. A publicação da obra aconteceu em 1960, o total de vendas chegou a cem mil exemplares, foi traduzido para treze idiomas e distribuído em mais de quarenta países.

Em fevereiro de 1977, a autora faleceu no sítio onde residia na periferia de São Paulo, praticamente esquecida pela mídia. Entretanto, atualmente as obras de Carolina vêm chamando atenção e sendo objetos de muitos trabalhos, estudos e discussões. Além disso, suas obras que não foram publicadas despertam curiosidade por parte dos leitores e editores. As vivências enfrentadas pela autora da obra já são frutos de biografias assinadas por prestigiados pesquisadores. O Parque do Ibirapuera, localizado em São Paulo, fundou em 2004 o Museu AfroBrasil, cuja biblioteca possui o nome de Carolina Maria de Jesus, como forma de homenageá-la. O lugar conta com temas como a presença afro-brasileira em diversos campos, como nas artes, na história, na religiosidade e nas instituições sociais.

Carolina deve ser reconhecida e lembrada por sua extrema importância na literatura brasileira. Foi uma mulher extremamente forte e batalhadora, através da sua escrita, mesmo que informal e apresentando erros gramaticais, a artista transformou a escrita em uma denúncia contra a fome, a miséria e desigualdades. Carolina representou a luta das mulheres pretas periféricas e que enfrentam a mesma realidade que ela. Mesmo após tantos anos desde que sua escrita foi feita, essa realidade cruel e rodeada de tanta miséria e dificuldade ainda existe e permeia grande parte do país.

*Quarto de despejo* é uma reunião de cerca de vinte diários escritos por Carolina em velhos cadernos,

publicado em 1960. O livro foi um sucesso de vendas e ficou conhecido mundialmente no mundo literário. Na obra, Carolina relata fielmente o dia a dia enfrentado na favela do Canindé. A autora descreve as dificuldades enfrentadas por uma mulher preta e pobre periférica, na tentativa de criar sozinha, seus três filhos de maneira digna. A mulher busca sobreviver catando lixo, tendo muitas vezes que recorrer às sobras de outras famílias e nas feiras. Para trabalhar, Carolina muitas vezes tinha que deixar os filhos sozinhos em casa, e era bastante criticada pelas vizinhas pela atitude. Ao longo da obra, Carolina denomina a cor da fome, diz ser amarela e relata em muitos momentos ter tido seu mundo tomado pela cor. Para ela, pior que passar fome, era ver os seus filhos com fome e não ter o que os dar para comer, essa dor é descrita em vários momentos do diário.

Este livro relata uma história muito dura e de muito sofrimento, que mostra como Carolina lida com todos os desafios impostos pela dura realidade vivenciada e surpreendentemente consegue transformar em escrita toda a situação. Trata-se de uma obra que expõe situações críticas de quem não tem acesso a uma vida digna, nem aos mínimos direitos. Além disso, a obra denuncia o lugar da mulher no contexto inserido. Carolina sofre muito preconceito por não ser casada, porém agradece pelo fato de não vivenciar a realidade das vizinhas, que enfrentam maridos abusadores e agressivos.

Recomendo a leitura do livro, pois devemos divulgar e prestigiar o trabalho de Carolina, uma mulher preta, pobre, catadora de lixo e mãe solteira, que através de suas obras se mostra extremamente batalhadora. Além disso, em sua escrita, Carolina destaca pautas de suma importância a serem evidenciadas, como a desigualdade social, enquanto uns desperdiçam alimentos por possuírem abundantemente, outros enfrentam a fome e

a miséria, também são abordadas outras pautas importantes como racismo, política, machismo, violações das minorias e ausências de políticas que visem reduzir a desigualdade. A obra também pode ser utilizada como um grande repertório em importantes discussões a serem trabalhadas.



Me chamo Ana Clara Figueiredo Ferreira. Tenho 18 anos. Moro em Jacarepaguá, bairro na Zona Oeste do Rio de Janeiro, há 12 anos. Moro junto com meus pais e meu irmão caçula. Anteriormente, morei em Saquarema, onde reside grande parte dos meus familiares. Me formei no Ensino Médio em 2023, no colégio Nossa Senhora Rainha dos Corações, onde estudei a maior parte da minha vida. Atualmente, em 2024, dei início ao curso de Pedagogia na UERJ. Escolhi o curso, pois gosto muito de crianças e sempre me vi trabalhando com algo relacionado a elas, pretendo seguir na área que envolve a educação nos anos iniciais. Em relação à leitura, gosto muito de romances e autobiografias, normalmente são livros que me despertam maior interesse e curiosidade.

## Eu sou Malala

Ana Clara Fontes

Na sociedade brasileira, é direito de qualquer pessoa, independente do gênero, ir à escola. Porém, essa não é a realidade das crianças no mundo todo. *Eu sou Malala* é a autobiografia de uma menina conhecida por lutar pelo direito de mulheres paquistanesas de completarem seus estudos. Escrita pela própria Malala em parceria com Christina Lamb, a narrativa segue a vida de Malala desde seu nascimento até os acontecimentos póstumos ao ato terrorista que sofrera aos 15 anos, obrigando-a buscar exílio na Inglaterra. Além disso, o livro explica sobre questões históricas e políticas do povo Patchum, da divisão da Índia e do Paquistão e da ascensão do grupo Talibã em seu país.

Malala Yousafzai é uma ativista paquistanesa e defensora do direito pela educação, conhecida mundialmente por ser a mais jovem ganhadora do Prêmio Nobel da Paz. Nascida em 12 de julho de 1997 em Mingora, cidade localizada no Vale do Swat, o nascimento de Malala foi celebrado por sua família, contrariando os costumes de seu povo, que só agradecia quando um menino vinha ao mundo. Seu pai, dono de uma escola, sempre acreditou no futuro acadêmico de Malala e, apesar de viver numa sociedade em que mulheres se casam cedo, sem completar os estudos, a família de Malala desde cedo a incentivava a ler livros e tomar gosto pelas áreas de ciências.

Malala era uma menina que gostava de estudar, ficando sempre entre os melhores alunos de sua escola. Quando ela tinha 10 anos, o Talibã tomou o Vale do Swat, e foi quando Malala começou a encontrar dificuldades para estudar. Em 2009, o Talibã estabeleceu uma data limite para o fim da presença feminina nas

escolas, dia 14 de Janeiro, e a menina começou a ir clandestinamente para a escola, com o uniforme escondido em sua mochila.

Uma coisa que Malala deixa explícita na autobiografia é que seu pai era diferente dos outros homens patchuns. Ele acreditava numa educação igualitária, e não era um homem machista no geral. Quando tinha dúvidas sobre o que fazer, perguntava à sua esposa, atitude incomum aos homens dessa cultura. Quando todas as escolas estavam proibindo a entrada de meninas, a dele funcionava para aquelas que queriam estudar. Essa influência foi importantíssima na vida de Malala, que via o pai como modelo a seguir. Desde cedo, a menina via seu pai dando palestras de opiniões acerca da educação, e Malala começou a fazer o mesmo, lutando acerca daquilo que acreditava.

Com 11 anos, ela já falava em seu blog, com o uso de um pseudônimo, sobre a violência que meninas sofriam em sua sociedade desde que nasciam. Ao passar do tempo, com o domínio do Talibã se tornando mais influente, seu discurso foi se tornando cada vez mais forte. Aos 12 anos, escrevia para a BBC sobre o Talibã, o que fez com que se tornasse reconhecida e seu ativismo também. Em função de seu trabalho na luta pela liberdade das mulheres, ganhou o prêmio paquistanês “Prêmio Nacional da Paz da Juventude”, o que fez com que ameaças de ataques à sua vida ficasse cada vez mais recorrente. Em seu livro, Malala relata que começou a fazer a pequena caminhada da escola até sua casa de ônibus, e evitava andar sozinha pela rua.

Apesar do medo que sentia, a menina jamais deixou de falar sobre a causa das mulheres e da educação. Ela dizia que durante as noites, certificava-se milhares de vezes se as portas e janelas de sua casa estavam devidamente trancadas. Malala tinha o sonho de ser médica, e falava que nunca largaria os estudos e

percorreria atrás de seus sonhos, não importasse quem a desmotivava, e não deixaria que isso acontecesse com outras meninas. Com o passar do tempo, ela via a escola ficando vazia, suas colegas de classe sendo obrigadas por familiares a desistirem de seus estudos para se casarem, ou proibidas de frequentar a escola pelo medo que seus pais sentiam em deixá-las irem clandestinamente. Essa situação foi crucial para o fortalecimento do discurso de Malala.

Em 9 de Outubro de 2012, Malala estava no ônibus com suas amigas voltando da escola, quando terroristas entraram e perguntaram qual delas era Malala. Apesar de não obterem resposta, eles a reconheceram e atiraram na garota. Com 15 anos, Malala levou um tiro na cabeça, por apenas querer estudar. Desde então, ela e sua família estão refugiados na Inglaterra, não podendo voltar a sua cidade natal por questões de segurança. Ainda hoje, Malala faz um trabalho contínuo acerca do direito da educação. Em 2014, ganhou o Prêmio Nobel da Paz, se tornando a pessoa mais jovem a recebê-lo.

É importante que o mundo conheça Malala, uma das maiores ativistas pelo direito das mulheres da nossa geração, para que menos meninas sofram com ataques para acessar um direito básico como a educação, para que se sintam seguras ao andar na rua, para que tenhamos direitos iguais para homens e mulheres. Malala é uma adolescente que levou três tiros e quase morreu por defender suas ideias, foi expulsa de seu país e lida com ameaças diariamente, e que mesmo assim não se calou. Sua voz ainda é escutada em debates políticos, palestras e em redes sociais. Falar de Malala é não se esquecer de tantas outras meninas que foram caladas e não puderam seguir seus sonhos. É necessário dar voz a esse debate, pois ainda existem meninas que são silenciadas todos os dias, por conta de uma

sociedade em que os conhecimentos de homens são hipervalorizados, enquanto de mulheres desvalorizados. Malala é um símbolo de resistência, contra o machismo estrutural em nossa cultura, como também contra grupos terroristas.

A importância de falar sobre quem é Malala Yousafzai vai além do debate feminista e educacional. Apesar do foco dos debates de Malala serem os problemas que ocorrem em seu país, ela também mostra ao mundo que sua terra natal não é apenas um local de disputas, guerras e tragédias. Malala sempre protagoniza o Swat como uma terra de belas paisagens e pessoas alegres. Ela traz visibilidade de seu país e de suas desigualdades ao mundo, ao mesmo tempo em que mostra que isso não define o povo Patchum. Ter uma Paquistanesa influente nos debates políticos no mundo é de extrema importância para as populações que ali vivem. Num mundo eurocentrado, pouco se abre debate para questões internas do povo asiático. Malala mostra ao mundo o que seu país é fisicamente e socialmente. A ativista mostra ao mundo que o Paquistão não é definido por terrorismo, que seu povo Patchum não são os monstros que pensamos ser. O Paquistão não é apenas o Talibã, e sim uma sociedade que é aterrorizada por ele diariamente. Falar de Malala é de suma importância por abrir debates sobre temas que não eram comentados pela comunidade mundial.

O livro *Eu sou Malala* é voltado para todo tipo de público, do infante-juvenil ao adulto. Indicar *Eu sou Malala* para crianças, jovens e adultos é mostrar uma nova visão de vida, de que o estudo vai além de aprender. O estudo é capaz de nos dar liberdade, e é a única coisa que não se pode tirar de nós. Em uma das últimas passagens do livro, Malala diz: “Sentar numa cadeira, ler meus livros pelos meus amigos é um direito meu.”. Malala, a menina que levou um tiro por apenas

querer ir à escola, é uma força de resistência e de luta àquilo que te pertence. Enquanto houver meninas que sejam impossibilitadas de estudar apenas por nascerem com cromossomos XX, não devemos descansar. Lutar por essas meninas é garantir que nossa sociedade evolua na questão de seu machismo estrutural. A importância de fazer com que as crianças saibam quem é Malala é mostrar que elas podem, e devem lutar pelos seus direitos. É criar uma geração que luta pelas minorias, pela diminuição de preconceitos.

Ao falar sobre a autobiografia de uma mulher tão importante na questão educacional e pedagógica do mundo, a mensagem a ser passada é de que existem crianças que, mesmo com dificuldades, almejam estudar e seguir uma carreira. A desigualdade social e de gênero não deve ser um fator que recaia sobre a escola. O ambiente escolar deve ser um local livre de preconceitos enraizados e impostos pela sociedade, livre de segregações entre alunos, um local para que sejam quem e o que quiserem ser. Mostrar outra realidade do ambiente educacional é o primeiro passo para se combater os problemas que este ainda enfrenta, para que a escola passe a se tornar um lugar seguro para todas as crianças do mundo.



Meu nome é Ana Clara Fontes, tenho 17 anos e moro em Vigário Geral, um bairro localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, com meus pais e minha irmã mais nova. Concluí meus estudos no Colégio Pedro II – Campus Duque de Caxias em 2023. Apesar de ter feito ensino médio regular e nunca ter tido experiências na área, a educação sempre me encantou muito. Acredito que a educação é o pilar de todas as outras áreas de conhecimento existentes, por isso, resolvi cursar alguma licenciatura. Ao pesquisar sobre o assunto, descobri a Pedagogia e me encontrei nela.

## O perigo de uma história única

Ana Laura Espindola Quintão

*O perigo de uma história única* é um livro adaptado de uma palestra do programa TED Talk, de Chimamanda Ngozi Adichie, em 2009, disponível para todas as faixas etárias. A escolha do livro foi por ele ter sido fundamental para meu desenvolvimento educacional e cultural, e acredito que como para mim foi importante, também possa ser para outras pessoas.

A obra de Chimamanda propõe uma ótima reflexão para que se entenda a origem do preconceito. O próprio título do livro já chama a atenção. Qual seria o perigo de uma história única? A autora mostra como ter uma visão rasa e estereotipada sobre outros mundos e culturas é preocupante. Com sua própria história, encaminha o leitor a refletir que imagem se leva sobre quando se ouve só uma visão da história, e como isso pode ser injusto com a visão do “outro” no reconto, beneficiando uns e prejudicando outros. Além disso, é imprescindível ressaltar em como a “história única” está relacionado com o "Poder", e quem o tem, é quem controla essa história. Portanto, após o dito posto, é aliciante a leitura para os que têm interesse em abrir seus conhecimentos e dar espaço para conhecer novas narrativas diversificadas para que assim tenha um melhor entendimento sobre determinado assunto.

Ademais, não somente essa leitura fenomenal de Adichie, outras obras magistrais da escritora como *Para educar crianças feministas*, que fala sobre como combater o preconceito com a educação, e *Sejamos todas feministas*, trazendo a reflexão sobre o que é ser feminista na atualidade. Além disso, seu livro *Americanah* apresenta o racismo e diferentes questões sociais por dois pontos de vista distintos dos

protagonistas Ifemelu e Obinz. Essa obra se relaciona com o nosso livro tema, sobre como é importante o conhecimento de perspectivas narrativas diferentes. Em adição as obras citadas, outros exemplares de Chimamanda também são relacionados com temas atuais como feminismo, racismo, ancestralidade e identidade cultural.

Logo, é perceptível que a leitura aos livros de Adichie e *O perigo de uma história única* levam a um caminho de diversidade de conhecimento cultural, para os cidadãos pensarem e terem a possibilidade de distintos saberes do mundo, e os ajudem a terem suas próprias visões e identidades, sobre si e sobre outros, a fim de que não tenha a percepção que não existem histórias únicas em nenhum lugar.



Me chamo Ana Laura Espindola, moro com minha mãe e meu avô em Madureira, na zona norte do Rio. Tenho 17 anos e estou cursando o primeiro período de Pedagogia na UERJ. Adoro esportes, principalmente Muay thai e futebol. Sou apaixonada por produtos de autocuidado, em específico, hidratantes. Minha relação com a escrita é complexa. Gosto de escrever, porém tenho um pouco de dificuldade em estruturá-las, tenho mais contato com escritas avaliativas. Mesmo ler não sendo meu hobby, gosto bastante quando a leitura chama minha atenção. Inclusive, adoro ler literatura espanhola, pois me encantam as estruturas gramaticais da língua. Além disso, gosto muito de poesia e literatura nacional modernista.

## É assim que acaba

Ana Luiza Sant'ana

O livro *É assim que acaba* escrito por Colleen Hoover em particular destaca-se por sua narrativa envolvente e emocionante, que aborda questões universais de forma única e cativante. A trama se desenrola ao revelar as cicatrizes emocionais de Lily e sua batalha interna para se libertar do passado doloroso. Com uma narrativa cativante, somos levados a acompanhar as reviravoltas da vida de Lily, suas lutas diárias e suas conquistas gradualmente reconstruindo sua autoestima e confiança. Além disso, ao optar por uma obra literária de autoria feminina, estamos contribuindo para a ampliação e diversificação do panorama literário, dando voz e espaço a escritoras talentosas que muitas vezes enfrentam desafios adicionais no mundo. Valorizar e apoiar autoras mulheres é fundamental para promover a igualdade de gênero no meio artístico e para inspirar futuras gerações de escritoras a compartilhar suas histórias e perspectivas com o mundo. E a escolha de um livro como *É assim que acaba* também nos permite explorar novas narrativas e pontos de vista, enriquecendo nossa experiência como leitores e ampliando nossa compreensão do mundo.

A obra de Colleen Hoover, em particular, é conhecida por sua capacidade de emocionar e provocar reflexões profundas sobre temas como amor, superação e relacionamentos, tocando em aspectos universais da experiência humana, pois, com personagens profundamente humanos e uma narrativa sensitiva, *É assim que acaba* nos ensina sobre a complexidade das relações interpessoais, a força da solidariedade e a capacidade de transformação pessoal. A jornada de Lily é um lembrete inspirador de que, mesmo diante das

adversidades mais sombrias, sempre há espaço para a luz da superação e da autodescoberta. Este livro, envolvente e emocionante, é uma celebração da resiliência e da bravura necessárias para seguir em frente, mesmo quando tudo parece perdido. Além disso, ao escolher um livro de autoria feminina como esse, estamos não apenas desfrutando de uma história envolvente e bem escrita, mas também contribuindo para a promoção da diversidade e da representatividade na literatura contemporânea. Celebrar e apoiar as vozes das escritoras mulheres é essencial para construir uma comunidade literária mais inclusiva, vibrante e igualitária, onde todas as histórias têm o poder de serem ouvidas e apreciadas.

Essa obra literária merece ser recomendada por diversos motivos, em primeiro lugar, a habilidade da autora em criar personagens tridimensionais e emocionalmente complexos é exemplar. Cada personagem é ricamente desenvolvido, com suas próprias particularidades e camadas, o que nos permite mergulhar profundamente em suas vidas e acompanhar suas jornadas de uma forma extremamente envolvente. Além disso, a narrativa aborda temas profundos e tocantes, como superação, perdão, redenção e amor. Colleen Hoover não teme explorar os aspectos mais sombrios e íntimos da condição humana, o que torna a leitura não só emocionante, mas também reflexiva. A forma como a autora entrelaça esses temas de forma sensível e realista é verdadeiramente cativante. Outro ponto forte do livro é que a trama é habilmente construída com reviravoltas surpreendentes e momentos de tensão que mantêm o leitor ansioso por mais. Por fim, *É assim que acaba* é mais do que apenas um romance envolvente, é uma história poderosa que nos faz refletir sobre as complexidades da vida, sobre nossas próprias escolhas e sobre a capacidade de redenção e

transformação que reside em cada um de nós. É um livro que toca o coração e a alma, deixando uma marca em quem o lê.

A autora desse instigante livro é a Colleen Hoover, nascida em 1979 no Texas, EUA, uma autora renomada no cenário literário, conhecida por suas histórias envolventes e emocionantes que conseguem tocar os corações dos leitores ao redor do mundo. É importante saber mais sobre essa autora, e vai além do simples reconhecimento de seu talento como escritora, ela representa muito mais do que isso. Conhecer mais sobre Colleen Hoover é mergulhar em um universo de emoções profundas e temas delicados abordados de forma sensível e realista. Suas obras exploram questões como amor, perda, superação e relacionamentos de uma maneira única. Ao se familiarizar com suas narrativas, é possível se conectar com as personagens de forma íntima, enxergando a si mesmo em suas lutas e triunfos. Além disso, entender o trabalho dessa escritora é compreender a importância da literatura contemporânea e do poder das palavras em nossa sociedade. Conhecer e apreciar essa renomada autora vai além de simplesmente desfrutar de boas histórias. Seus livros provocam reflexões sobre temas relevantes e atuais, incentivando o diálogo e empatia entre os leitores. Portanto, conhecer e apreciar o trabalho de Colleen é sobre reconhecer a importância da arte na nossa vida, valorizar o poder da literatura em nos transformar e nos inspirar, e celebrar a diversidade de vozes e experiências que tornam o mundo da escrita tão rico e fascinante. Colleen Hoover é mais do que uma autora de sucesso, ela é uma contadora de histórias que tem o dom de tocar profundamente o coração de quem a lê, e ela continua encantando seus fãs com novas histórias e personagens cativantes, mostrando-se uma das autoras mais populares e influentes do gênero

contemporâneo. Sua trajetória é marcada pela paixão pela escrita e pelo impacto emocional de suas narrativas.



E aquela que vos indica essa literatura é a Ana Luiza Sant'ana, nascida e crescida na zona norte do Rio de Janeiro, grande fã de romances literários. Desde pequena, sua mente inquieta e criativa a levava a mergulhar nas páginas de livros, onde encontrava refúgio para explorar mundos fascinantes e viver aventuras inesquecíveis. A sonhadora está cursando pedagogia com o objetivo de num futuro próximo completar uma pós-graduação de psicopedagogia, buscando compreender esse mundo tão interessante que é a infância.

## Quarto de despejo

Angeline da Conceição

A escolha desse livro foi a princípio pelo título descrito, porém quando comecei a ler, me identifiquei por ser moradora de favela e mesmo sendo escrito na década de 50/60 me parece atual.

A autora narra seu dia a dia na favela do Canindé, em São Paulo, sua atual moradia, mãe solteira de três filhos, catadora de tudo que é possível ser vendido por algum dinheiro, algumas vezes conseguindo uma doação em uma casa, outras vezes tendo que recortes as lixeiras das mercearias e açougues, qualquer achado alimentar vale na hora da fome... Carolina narra sua dificuldade na criação dos filhos que são espancados e humilhados pelos vizinhos quando ela não está presente, as vezes que precisa sair debaixo de chuva pra catar papel, juntar dinheiro pra comprar sapatos pra Vera que não gosta de andar descalça, pão e sabão pra lavar roupas... O dia que consegue fazer quatro pratos o barraco fica em festa, pois a maioria das vezes só tem o dinheiro do pão!

A autora descreve as vezes que sai em busca dos filhos na cidade onde são apreendidos pela polícia tarde da noite, vê que seu filho mais velho é acusado de ter abusado de uma criança de dois anos e precisa de ajuda para interná-lo, porém logo percebe que o melhor lugar do seu filho é perto dela que passa a levar com ela pra catar, passa a conversar com ele mais abertamente para que ele entenda das maldades da vida...

A vivência da autora em *Quarto de despejo* é duramente narrada em meio à fome, solidão, descaso... E seu descontentamento político que percebe com aqueles que em época de campanha tomam seu café, lhe abraçam e prometem o que jamais cumprem.

Ao final de seu livro nada muda, ela se levanta cedo e

vai buscar água.

Eu indico esse livro impressionante, emocionante e devastador de alma que traz reflexão da vida pobre da favela.



Meu nome é Angeline da Conceição, tenho 44 anos, duas filhas de 11 e 19 anos, mãe solo, faço bicos pra sujar no nosso sustento, estudante universitária de pedagogia, em busca de um mundo melhor!

## Heartstopper

Antonia Castilho

Olá, eu sou Antonia Castilho e quero lhes apresentar um dos meus livros prediletos. Mas antes, para entender meu gosto, quero que vocês conheçam um pouco sobre mim. Eu tenho 18 anos, moro em Botafogo, tenho um bulldog francês cujo nome é Jack, mas também já tive um pug chamado Simba e 21 gatos. Agora vou apresentar o meu livro escolhido.



Eu decidi convidá-los à ler *Heartstopper* da escritora e desenhista britânica Alice Oseman. O livro em quadrinhos é sobre uma história de romance entre dois meninos adolescentes no Ensino Médio, além de dar destaque também para seus amigos. A narrativa abrange diversos temas importantes de serem abordados, especialmente com o público juvenil, de maneira muito leve e acessível para todos, criando uma atmosfera convidativa e informativa para seus leitores.

Alguns exemplos de conversas pautadas pelo livro são como construir um relacionamento saudável, com apoio mútuo, a ser exemplificado no relacionamento entre duas personagens secundárias, Tara e Darcy. É também abordada a importância do cuidado com a saúde mental, visto que os irmãos Charlie, um dos principais, e Tory ambos sofrem de depressão e de ansiedade, mostrando que, apesar de ser algo natural, não pode ser banalizado e o carinho e afeto das pessoas ao redor daqueles que

sofrem de um transtorno psíquico é essencial.

Vemos também a dificuldade de pessoas LGBTQIA+ quando não há autoaceitação, ou aceitação de seus familiares, como ocorre com Ben e Darcy respectivamente. No entanto, o oposto também é mostrado, com a mãe de Nick, namorado de Charlie, sendo bem receptiva e reafirmando o amor pelo seu filho quando ele saiu se assumiu bi. A relevância da amizade é um dos pontos mais significativos e bonitos da trama, o grupo principal aprende junto sobre a vida amorosa, acadêmica, a transição para a vida adulta, o respeito com o próximo e com as diferenças. O apoio que eles oferecem uns aos outros é um lindo exemplo de relacionamento platônico saudável e enriquecedor para todas as partes.

A inspiração para falar sobre todos esses tópicos sensíveis vem da experiência de vida da autora. Alice é uma mulher assexual nascida na Inglaterra nos anos '90, quando a assexualidade não era amplamente conhecida ou debatida, por isso ela sempre se sentiu muito excluída e isolada de seus colegas. Para lidar com seus sentimentos e solidão, ela começou a desenhar e se apaixonou pela arte. Em sua vida adulta ela decidiu unir sua paixão com a vontade de ajudar os outros e começou a publicar suas histórias. Assim surgiu *Heartstopper*, como continuação de um de seus livros, mas em forma de quadrinhos, desenhados por ela mesma. Hoje ela é uma ativista da causa LGBTQIA+ feminista e mundialmente reconhecida pelos seus escritos, além de produtora da série da Netflix inspirada em *Heartstopper*, que leva o mesmo nome.

## Os sete maridos de Evelyn Hugo

Bárbara Vianna Lins

*Os sete maridos de Evelyn Hugo*, de Taylor Jenkins Reid, destaca-se como um ícone da literatura contemporânea. Jenkins convida os jovens leitores com uma narrativa cativante e fluida, para um universo hollywoodiano envolvente, que supera barreiras impostas sobre as narrativas mais tradicionais, dessa forma, capturando a atenção dos jovens leitores e incentivando-os a explorar os reinos da literatura, desviando o foco das telas e cultivando o prazer de ler entre as gerações mais novas.

Muito se discute sobre as propostas de incentivo à literatura dentro do âmbito escolar, afinal é primordial a fomentação desse hábito nas escolas. Entretanto, apesar da vontade efervescente de educar e introduzir os clássicos brasileiros para uma nova geração, um grande empecilho arrebatava esses debates: Como introduzir e interessar um público infantojuvenil atual, com pouca capacidade de concentração, sem amedrontá-los e afastá-los da prática de ler?

É de se presumir que, uma geração com tantos estímulos acessíveis e pouco tempo de ócio se considere desencorajada a enfrentar uma leitura robusta e que recorra a necessidade de reflexão profunda. Dessa forma, então, conclui-se que para conduzir uma geração na direção correta de uma formação intelectual desejada, inicialmente, seja necessário gerar um interesse e curiosidade sobre o assunto. A introdução por meio de livros infantojuvenis com tópicos atuais e pautados com temas identitários entre o leitor e o personagem, se caracteriza como uma das práticas estimulantes com o intuito final de moldar um grupo etário reflexivo, com inclinação aos estímulos culturais

engrandecedores.

*Os sete maridos de Evelyn Hugo*, apesar de não se enquadrar na esfera convencional da cultura literária, é uma obra edificante que desempenha o papel de ponto de partida do hábito da leitura reflexiva. Através de sua história cativante, os estudantes são convidados a explorar temas atuais e pertinentes que assolam a humanidade desde seus primórdios até os dias de hoje, como a parte obscura da mídia, relações desiguais de poder entre homens e mulheres, movimentos ativistas pró LGBTQIA+ no final dos anos 80, e questões de autoaceitação e sexualidade. Taylor Jenkins Reid é uma autora estadunidense reconhecida na comunidade jovem por seus trabalhos como *Daisy Jones and the six*, *Malibu Renasce*, *Os sete maridos de Evelyn Hugo* e entre outras diversas obras que atingem um público-alvo infantojuvenil. Apesar de ser uma mulher reservada sobre sua vida pessoal, Reid é conhecida por, em seus livros, sempre marcá-los com uma subversão de papéis, sobretudo da visão da mulher na sociedade, instigando uma estranheza enraizada no leitor ao se deparar com uma personagem feminina que difere aos paradigmas inconscientemente impostos por uma sociedade sexista, fugindo dos padrões socialmente indicados de mulheres dóceis, inocentes e gentis, sendo caracterizada, dessa forma, como uma escritora ativista e engajada sobre, principalmente, o feminismo.

Tendo em vista os aspectos observados, é de comum compreensão que a figura de Reid, juntamente aos seus livros, em um contexto educacional, enriquece a concepção e percepção das representações femininas na sociedade contemporânea, destacando algo que muitas obras clássicas são incapazes de abordar adequadamente: a imagem de mulheres independentes e confiantes, capazes de forjar seus próprios caminhos e tomar suas próprias decisões, sem depender de um

homem para orientá-las.

No caso de Evelyn Hugo, a história retrata esse cenário abordado. A protagonista, desde jovem, é condicionada a conduzir sua própria vida sem o auxílio da primeira figura masculina mais importante de sua essência, seu pai. Herrera — sobrenome verdadeiro de Evelyn — se encontra em um contexto precário desde seus primórdios. Habitante de Hell's Kitchen, uma periferia esquecida pela sociedade, Hugo precisa batalhar pela dignidade de sua sobrevivência, afinal, após o falecimento de sua mãe — sua figura mais idolatrada — seu pai decaiu ao alcoolismo, lançando-a prematuramente para uma realidade adulta. A história desse capítulo é dirigida durante a década de 50, quando Evelyn tinha apenas quatorze anos, onde foi instigada a usar dos meios ao seu alcance a seu favor para conquistar o que almejava. O livro descreve como Evelyn sempre teve consciência sobre a influência e poder que seu corpo poderia oferecer, e isso discorre ao longo do livro, onde esse pensamento de Hugo a persegue até sua maturidade, causando diversas sequelas e traumas ao seu decorrer. É necessário, por outro lado, considerar o contexto de sua época, onde mulheres ainda pouco possuíam espaço na sociedade, principalmente naquela que Evelyn almejava tanto conquistar: a sociedade hollywoodiana. Entre casamentos por interesse, amores verdadeiros, dilemas morais e a constante decepção que a perseguia, a protagonista construiu seu caminho até o estrelato, onde se deparou, apesar das decepções, com sua jornada de autodescobrimento e aceitação.

Taylor Reid Jenkins dirige sua obra com maestria, criando um imaginário ficcional da realidade, apresentando — não apenas em Os Sete Maridos de Evelyn Hugo — mulheres que não existiram em momentos históricos que já aconteceram. Um exemplo

real é a introdução da rebelião de *Stonewall*, onde Evelyn Hugo financia secretamente os pioneiros do movimento LGBTQIA+.

O livro publicado em 2017 é uma obra ficcional excelente e, apesar de não integrar aos clássicos da literatura, merece o reconhecimento que adquiriu ao longo dos anos e os prêmios que recebeu. *Os sete maridos de Evelyn Hugo* é um romance que, em minha concepção, deveria ser lido por todos, não apenas por suas pautas, mas por sua história emocionante e cativante.



Bárbara Vianna Lins, nascida em 18 de maio de 2003 no bairro de Laranjeiras, Rio de Janeiro, é atualmente uma estudante de Pedagogia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Influenciada por sua mãe e sua avó, Bárbara cultivou a paixão pelos livros desde a tenra idade, onde visitava bibliotecas públicas e livrarias como passatempo.

## Vermelho, branco e sangue azul

Beatriz Baptista de Aguiar

As obras LGBTQIA+ desempenham um papel crucial no mundo atual, pois contribuem significativamente para a representatividade e a diversidade na cultura, na arte e na literatura, além de causarem mudanças sociais e políticas. O impacto cultural dessas obras muitas vezes se traduz de tal forma, influenciando debates, legislações e políticas públicas relacionadas aos direitos da comunidade e à inclusão, se tornando um grande tópico literário sobre os holofotes da juventude atual.

Vinda de Louisiana, Estados Unidos, Casey McQuiston sempre teve um grande amor por histórias apaixonantes e românticas. Ela estudou jornalismo e trabalhou em revistas por anos até se encontrar novamente na escrita de clichês inesquecíveis e emocionantes, como seu primeiro e maior sucesso no mundo literário: *Vermelho, branco e sangue azul*.

McQuiston propôs a ideia de *Vermelho, branco e sangue azul* no início de 2016, durante as eleições presidenciais de 2016 nos EUA. Enquanto assistia a uma temporada da série de comédia da HBO, *Veep*, lendo a *Biografia de Hillary Clinton* de Carl Bernstein e *The Royal We*, Casey ficou fascinada com a atmosfera luxuosa e sofisticada, a vida extravagante da família britânica e seus altos padrões. Após isto, a autora quis escrever seus próprios pontos de vista sobre a história da família real.

Com o nome original *Red, White and Royal Blue*, o livro publicado pela Editora St. Martin's Griffin estreou em 15º na lista de *best-sellers* do *New York Times Paper Trade Fiction* e foi traduzido para 27 países. Em entrevistas, McQuiston expressou esperança de que *Red, white and royal blue* e seus futuros romances ajudem a

colocar o romance *queer* no centro das atenções.

Em 2019, a Amazon Studios anunciou o desenvolvimento de um filme baseado no livro com Greg Berlanti como produtor. Lopez foi anunciado como diretor e co-roteirista com Malawer em 2021.

Em junho de 2022 foi anunciado o elenco, com Taylor Zakhar Perez como Alex Claremont-Diaz e Nicholas Galitzine como príncipe Henry. *Red, white & royal blue* estreou no BFI IMAX em Londres no dia 22 de julho de 2023 e foi lançado no Prime Vídeo no dia 11 de agosto.

Nesta obra, somos transportados para um universo onde política e romance se entrelaçam de maneira fascinante e exploramos a jornada de Alex Claremont-Diaz, o filho da primeira mulher presidente dos Estados Unidos, enquanto ele enfrenta desafios políticos e descobre um amor inesperado ao lado do príncipe Henry. Em meio a intrigas palacianas e os dilemas da vida pública, McQuiston tece uma narrativa envolvente que captura tanto o coração quanto a mente.

De maneira geral, *Vermelho, branco e sangue azul* explora a política e monarquia de forma dinâmica em meio ao romance. O pano de fundo político, com Alex sendo filho da presidente dos Estados Unidos e Henry sendo um príncipe britânico, adiciona camadas interessantes à trama, explorando dinâmicas de poder e expectativas sociais.

Além disso, o livro apresenta personagens LGBTQIA+ de maneira autêntica, proporcionando uma representatividade importante e mostrando a diversidade de experiências dentro dessa comunidade.

Prepare-se para se apaixonar pelas cores vibrantes das relações humanas, pela complexidade dos personagens e pela maneira como a autora aborda questões atuais com sensibilidade e profundidade.

Se você busca uma leitura que mistura romance, humor e reflexões sobre o mundo contemporâneo,

*Vermelho, branco e sangue azul* é o livro perfeito para você. Embarque nesta jornada literária e descubra por que esta obra tem encantado leitores ao redor do mundo

“*Vermelho, branco e sangue azul* é escandalosamente divertido. É romântico, sexy, espirituoso e emocionante. Amei cada segundo.” — Taylor Jenkins Reid, autora de *Daisy Jones & The Six* e *Os sete maridos de Evelyn Hugo*.

**Obra recomendada para maiores de 16 anos.**



## O diário de Anne Frank

Beatriz Rocha Pimenta

O livro *O diário de Anne Frank*, escrito pela própria Anne Frank, são relatos conseguintes da narradora ao longo da Segunda Guerra Mundial. Em sua obra literária, Anne narra o dia a dia dela, de sua família e de outras pessoas judias em confinamento – resultado da perseguição dos nazistas. De forma clara, e na visão de uma criança, são relatados diversos momentos de agonia –contrapostos a momentos de esperança- em uma leitura repleta de emoções. Sendo uma história real, e não uma ficção, há uma carga emocional ainda maior ao acompanhar os relatos de Anne.

Fui uma boa leitora durante a minha infância, sempre gostei de descobrir palavras e expressões diferentes. Meus pais sempre incentivaram hábitos saudáveis como este. A novidade sempre me encantou. Entretanto, conforme fui crescendo, perdi o hábito. Para ser mais sincera, perdi o interesse. Eu não estava conseguindo quebrar a bolha de livros ficcionais, e já não gostava mais de tal estilo de escrita. Encerrei minha rotina de leitura com o romance ficcional *O reino das vozes que não se calam*, de Sophia Abrahão e Carolina Munhóz. Comecei a achar leitura algo chato – acredito que por conta da idade e mudanças de pensamentos do início da pré-adolescência. Apesar do hábito até dado momento, minhas leituras sempre eram ficcionais e rodeavam os livros que estavam “bombando” na época. Aos 11 anos eu tinha uma coleção dos livros *O diário de um banana* e *O diário de uma garota nada popular*. Por volta dos meus 13 anos, após ver o filme *O diário de Tati*, meus pais me deram o livro também. Escrevendo até aqui, percebi que aparentemente sempre gostei de ler diários. Deve ser minha personalidade geminiana fofoqueira

dando as caras... Enfim, minha leitura era infantojuvenil (e de intromissão na vida alheia).

Aos poucos fui largando os livros e entrando no mundo da tecnologia. Os celulares e *tablets* estavam em alta, e ao invés de passarmos horas lendo, passávamos horas vendo vídeos no YouTube. Após alguns anos, cheguei ao ensino médio. As matérias começaram a ficar mais difíceis, e conseqüentemente era ‘obrigada’ a ler mais. Meu interesse por matérias como história e filosofia foi crescendo – assim como a dificuldade de entendê-las. Até que, em certo momento, foi dada a largada nas guerras mundiais. Me interessava muito pelo assunto e pela validação acadêmica que eu obtinha ao dominá-lo. Comecei a pesquisar outras formas de estudar sobre tal. Cheguei aos filmes *O menino do pijama listrado* e *O diário de Anne Frank*. Assisti e fiquei apaixonada. Não muito tempo depois, comecei a fuxicar a estante de livros que temos em casa. Anteriormente eu havia dito que meus pais sempre incentivaram a minha leitura. Temos uma estante com mais de 600 livros em casa, onde mais da metade foi de herança familiar. Meu pai sempre amou ler, principalmente livros de relatos históricos e os mais clássicos. Por isso, são mantidos aqui em casa. Tenho grande admiração pelo meu pai e por sua inteligência, isso ecoa na minha cabeça que preciso retomar o hábito de leitura o mais rápido possível. Apesar de, diferentemente do meu pai, eu ter nascido em uma geração tecnológica, a internet nem sempre passa a mesma sensação de você pegar um livro à mão e folheá-lo da forma mais serena possível. Minha mãe não possui o hábito de leitura, mas ela já falou pelo menos umas dez vezes sobre o livro *O jardim japonês*. É sempre da mesma forma: “Ai Bia, você precisa ler esse livro... é tão lindo!”. Além desse, que é bem característico dela, ela também gosta dos clássicos (obras de Machado de Assis, por exemplo). Enfim,

voltando ao que eu estava dizendo, mexendo na estante coincidentemente encontrei o livro *O diário de Anne Frank*. Não pensei duas vezes e separei para que eu pudesse ler assim que comesse a ter um tempinho livre. Iniciei a leitura e fiquei ainda mais chocada/deslumbrada com toda a história.

Em outra matéria da graduação aprendemos sobre o ócio, sobre a questão de ter-se tempo livre. Tal contexto foi relacionado com a pandemia e com o fato de saírem desenhos – e outras demonstrações criativas- incríveis ao longo do período de ócio. Agora, voltando à Anne Frank, podemos entender que ela estava tendo tal período de ócio. Infelizmente, assim como as pessoas da época do COVID-19, por um motivo bem ruim. Entretanto, nos dois casos houve um confinamento. O ponto que eu quero chegar é: nos momentos de ócio são feitas obras incríveis - justamente por haver maior tempo para os pensamentos perderem as fronteiras, e foi nesse momento que, além de relatar seu cotidiano em um diário, Anne Frank citou pensamentos e lições de vida que chamam atenção para uma pessoa de sua idade.

*“Aprendi uma coisa: só se conhece uma pessoa depois de uma discussão. Só nessa altura se pode avaliar o seu verdadeiro caráter.”*

Anne Frank

A citação acima foi um dos pensamentos que a autora compartilhou em seu diário. Fico intrigada com essa questão. É bizarro pensar o quão ruim deve ter sido esse período em seus últimos momentos de vida. Anne não possuía uma relação tão boa com sua mãe, Edith Frank, e estava passando pela fase horripilante do holocausto. É bizarro pensar que em seu tempo livre, ao invés de desenhar ou ter pensamentos mais lúdicos - como provavelmente as crianças filhas dos ditadores nazistas

estavam fazendo na época, Anne tinha reflexões tão profundas e sentimentais mesmo sendo tão jovem.

*“Aquele que é feliz espalha felicidade. Aquele que teima na infelicidade, que perde o equilíbrio e a confiança, perde-se na vida.”*

Anne Frank

*“Quem tem coragem e fé nunca perecerá na miséria.”*

Anne Frank

As duas citações acima também foram registradas em seu diário. Com elas, podemos perceber que, apesar da fase crítica que estava vivenciando, Anne nunca perdia a esperança de uma melhora – seja na situação vivenciada ou na bondade das pessoas. Com isso, percebemos a importância de uma maior dominação dos nossos pensamentos. “Nossa mente é nosso lar.”. Assim como Anne fazia, quando tentamos extrair boas coisas de situações embaraçosas, ajuda a aliviar o caos da realidade. Com pensamentos assim, Anne seguia um dia após o outro com mais esperança e força.

Resumindo, ler *O diário de Anne Frank*, além de nos trazer um importante conhecimento histórico, também nos faz refletir sobre a forma em que levamos as nossas vidas e como lidamos com as adversidades. O holocausto foi um grande “baque” na realidade de nosso mundo. A crueldade humana ficou evidenciada. Em seu diário, Anne narra momentos de ameaça dos nazistas e revelações de momentos de apreensão de seus conhecidos - para serem levados para os campos de concentração de povos judeus pelos alemães. Todo esse conhecimento que, repetindo, não é ficcional e é narrado por alguém que realmente estava vivenciando a situação é de extrema importância. Me arrisco em dizer que é importante até mesmo para nossa construção

moral, e logicamente, intelectual também.

*“A gente não faz ideia de como mudou até que a mudança já tenha acontecido.”*

Anne Frank

Com isso, podemos refletir o quanto banalizamos os processos de nossas vidas até chegarmos ao ponto final – dos objetivos, das ideias, das vivências. Imagina você estar vivendo uma semana minimamente normal, e na semana seguinte estar confinada em um sótão... No mínimo desesperador. Dado o ódio e as ameaças constantes que os povos judeus sofriam dos nazistas, acredito que Anne não tinha total concepção da gravidade da situação, até o momento de seu confinamento. Voltando à lógica do ócio, acredito que Anne só teve como pensar profundamente na guerra –mudança - em seus momentos sozinha no sótão do prédio, após a mudança drástica em sua vida já ter ocorrido.

De fato, a leitura deste livro é essencial e extremamente instigante. Nos causando curiosidade sobre as histórias, tanto a temporal que já conhecemos (Segunda Guerra Mundial), quanto a pessoal (forma que Anne relata sua vivência).

*“Os mortos recebem mais flores do que os vivos porque o remorso é mais forte que a gratidão.”*

Anne Frank

Encerro com essa citação tão profunda e verdadeira. Após a leitura do diário, há de se repensar na forma em que levamos nossa vida e na importância - e singularidade- dos processos de mudança que enfrentamos ao longo de nossa vivência. A forma que tratamos o próximo - e suas realidades - também deve

ser repensada.



Beatriz Pimenta, nascida em Laranjeiras e criada em Jacarepaguá. Possui 20 anos e sou apaixonada por diversidade, gosto de estar por dentro de diversos assuntos, mesmo que minimamente em todos, porém tendo um bom leque. Atualmente, estou cursando Pedagogia na UERJ. Encontrei minha vocação como dubladora por volta dos oito anos de idade e sigo caminhando. Por muitos anos fui movida pela arte, porém decidi separar escolhas do coração e do cérebro e entrar para uma universidade.

## A hora da estrela

Bruna da Silva dos Santos

*A hora da estrela* é um romance no qual a protagonista Macabéa uma mulher de 19 anos, órfã, foi criada por sua tia conservadora e moralista repleta de tabus que os transmitiu para béa; alagoana, mudou-se para o Rio de Janeiro, resolveu tentar a vida na cidade grande local onde tem sua inocência pisada, Béa conseguiu um emprego como datilógrafa, divide um quarto com mais três meninas que também migraram para o Rio. Logo no início é demitida por não saber escrever com perfeição, porém seu patrão deixa que ela continue trabalhando, pois tem pena da vida vazia que ela possui. Béa come papel para enganar a fome, tosse durante a noite, toma café antes de dormir e escuta rádio relógio.

Macabéa se relaciona com Olímpico, um homem torrão que se irrita com perguntas, não demonstra afeto, geralmente caminha com ela e senta no banco da praça; um dia ele se propõe a pagar um cafezinho a ela, outro dia vão ao zoológico, Béa acaba se urinando ao ver um rinoceronte, pois não tem costume de passear e não consegue se conter. Sua colega de trabalho Glória é uma mulher filha de açougueiro que não possui tantos tabus como Béa. Durante toda narrativa é possível ver que Macabéa é uma mulher sem felicidade que não recebeu afeto e se ilude com resquícios de carinho, foi trocada por seu namorado, sua colega de trabalho coloca constantemente para baixo, em um momento busca um rumo na vida através de uma cartomante, só lendo para de fato dar um fim estrelado ou não a menina Macabéa.

O livro perpassa a profundidade da vida humana, reflete sobre condições de vida, aborda temáticas como pobreza, identidade, sentido de viver através da história de uma jovem mulher, Macabéa é nordestina que vive

na periferia do Rio de Janeiro, sua ingenuidade e inocência contrapondo com a crueldade da vida urbana torna essa personagem emblemática fazendo com que o leitor se comova a cada segundo de leitura e olhe para o cotidiano enxergando Macabéa nele.

É grandiosa a relevância cultural que possui, pois Clarice foi um ícone feminino quando se trata de literatura brasileira, dialogando temáticas sociais proporcionando uma compreensão profunda das realidades distintas no país, oportunizando vivências não abastadas de tomarem lugar de protagonismo. A complexidade que o narrador Rodrigo S.M. explora ao máximo a criação para quem busca uma leitura que fuja da narração simples e descritiva, este livro é perfeito, pois provoca constantemente reflexão e introspecção.

Clarice Lispector foi uma mulher Ucraniana, nascida em 10 de dezembro de 1920, que imigrou para o Brasil com apenas dois anos fugindo da perseguição aos judeus durante a guerra civil. Sua família se estabeleceu no nordeste, Recife, onde então ela cresceu; foi jornalista e escritora. Solidificou-se na literatura com foco intenso nas emoções e no psicológico de seus personagens. Lispector carrega em seus textos uma fala poética e filosófica, introspectiva e emocional fazendo com que o leitor sinta o que está acontecendo para além do âmbito literário e se identifique. A obra é considerada umas das mais importantes do século XX na literatura brasileira.



Bruna nasceu em 2001, em Japeri/RJ. Aluna da rede pública, despertou o interesse por educação na adolescência, fez curso integrado com ensino médio e desde então escolheu se manter na área, visando proporcionar aos seus uma educação que valoriza a cultura em que estão inseridos em cunho patrimonial.

## A bruxa não vai para a fogueira neste livro

Bruna Sampaio dos Santos de Lima

Escolhi esse livro, pois me identifico muito com ele, e acredito que muitas outras mulheres vão se identificar. Também o escolhi para que homens possam ter acesso a esse tipo de leitura, e entender pelo menos um pouco do que nós mulheres passamos todos os dias.

Um dos poemas da autora:

“Eles tentam nos convencer de que nossos estupradores serão apenas estranhos à espreita nos arbustos na escuridão da noite escura, que devemos ter spray de pimenta e canivetes bem arrumadinhos dentro de nossas bolsas o tempo todo (porque aparentemente mesmo o ato de tentar não ser estuprada deve parecer adorável & feminino), então quando nossos estupradores são nossos avôs, pais, irmãos, tios, primos, melhores amigos, namorados, maridos, não temos palavras para dizer isso & ninguém está disposto a nos ajudar a acender nossas tochas. – Tudo é uma aflição.”

Essa obra fala sobre sofrimento, luta, poder e autoestima das mulheres. Como no mundo é difícil ter que lidar com misoginia, machismo e invalidação todos os dias. Indico ler esse livro porque me toca de uma forma diferente e creio que isso ocorra com a maioria das pessoas que se permitirem ler, se trata de um livro de poemas bem rápidos de ler e com um conteúdo de fácil entendimento, porém com vasto conhecimento e poder nas palavras.

O livro é dividido em quatro partes: O julgamento, a queima, a tempestade de fogo, e as cinzas. Cada um tendo seu assunto principal, como estupro, violência, transfobia, abuso infantil, distúrbios alimentares, entre outros. Apesar de ser um livro com muitos gatilhos que são avisados no início, é um livro muito desafiador, pois

você tem que ler a realidade e na maioria das vezes é bem cruel.

Muito mais do que um livro sobre machismo e seus males, é sobre mulheres, sobre a força que elas têm, sobre a autoestima que foi roubada e nunca devolvida, sobre como a anos sentem isso na pele, esse fogo ardendo e queimando e impossibilitadas por homens e pessoas que as calam, vozes que sussurram tentando serem escutadas.

A autora desse livro é a Amanda Lovelace, nasceu em 1991 nos Estados Unidos, é uma devoradora de palavras que é obcecada por contos de fadas, e escreve suas poesias sempre tratando temas atuais e que impactam muito na leitura e fazem pensar. Atualmente Amanda mora em nova Jersey com seu marido e gatos, venceu duas vezes o *Goodreads choice awards* de melhor poesia e é *best-seller* do *USA Today* e *publisher's Weekly*, acredito que sabendo mais sobre ele, podemos ter um ponto de vista e dar atenção a assuntos de alta e precisa relevância.



Eu sou a Bruna, autora desse convite, tenho 17 anos, sou flamenguista, nascida e criada no Méier, sempre fui muito indecisa em relação ao que eu queria fazer da minha vida, mas meu sonho sempre foi poder ajudar outras pessoas. Gosto muito de ler e aprender sobre coisas novas e sou apaixonada por filmes de comédia romântica, principalmente os de Natal, mas adoro terror também.

## Quarto de despejo

Camila Ferreira de Azevedo

O livro escolhido por mim foi *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. O escolhi por termos trabalhado a autora do livro, Carolina Maria de Jesus, na segunda aula que tivemos de Leitura e Produção textual, onde fizemos uma biografia da vida de Carolina baseando-se no texto “Carolina: uma biografia, relato fascinante sobre a trajetória de uma escritora necessária”, texto o qual tive conhecimento de seu livro.

Saber mais sobre a trajetória de Carolina é de suma importância. Uma história de uma escritora negra, mãe solo que criou seus filhos, Vera, João e José Carlos. Sozinha, levou uma vida de extrema carência na favela do Canindé, em São Paulo, onde era catadora de papel para que conseguisse sustentar seus filhos e, ainda assim, passavam por diversas dificuldades. Além de nos abrir os olhos para suas origens afro-brasileiras no texto *O Sócrates africano*.

O interesse de Carolina pela leitura era muito fascinante. Ela lia tudo que recolhia e escrevia sua rotina em seu diário, o qual tinha vontade de publicá-lo para conseguir uma vida melhor. Nele, ela relata seu dia a dia, como tinha forças para suportar a situação em que vivia, o que fazia quando não tinha alimento para comer e dar às crianças.

Para mim, a leitura desse livro é indicada uma vez que mostra a forma como as pessoas levam a vida na favela, o que nos faz sairmos da bolha e entender a gigantesca desigualdade social em que vivemos, aborda também, com muita frequência, a questão da fome. Ademais, ao longo do livro são mencionadas as brigas diárias que ocorrem entre os vizinhos, o preconceito com os moradores e o desgosto de muitos em residir na favela.

O livro também faz inúmeras críticas aos políticos que nada resolviam e prometiam cada vez mais, como visto nesse trecho:

“... Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida, pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade”. (p.33)

Carolina teve uma história difícil, mas com certeza serviu de inspiração para muitos que vivem na situação em que ela viveu, de modo a dar forças com a esperança de que um dia as coisas possam melhorar.



Me chamo Camila, tenho 18 anos de idade, morei no Catete por seis anos e depois me mudei para o Rio Comprido, onde fiz amizades e vivi experiências incríveis. Adoro ver filmes e séries, amo praticar exercícios físicos, estar com meus amigos, minha família e me sinto muito feliz cursando pedagogia, fazendo o que realmente amo.

## O ódio que você semeia

Caroline Batista de Oliveira

O livro *O ódio que você semeia*, de Angie Thomas, retrata a história de Starr Carter, uma adolescente negra que testemunha seu amigo Khalil ser morto sem justificativa por um policial branco. O nome original do livro *The Hate U Give* vem de *Thug Life*, um movimento social e desvinculado de ONG's criado pelo rapper Tupac com intuito de diminuir as mortes banais e a violência nas áreas pobres e favelas dos EUA.

A leitura dessa ficção para jovens adultos é atual, a autora não hesita em educar os leitores sobre a situação vivida por jovens-adultos negros americanos, que também é vivida por semelhantes ao redor do mundo. A voz de Starr é um tanto quanto conflituosa, é possível sentir todas as emoções de uma menina negra de 16 anos, que vem não apenas do momento traumático inicial do livro, mas de uma vida passando por agressões e micro agressões de uma sociedade racista. O sentimento de não pertencimento que a persegue por transitar em estudar em uma escola majoritariamente branca e lidar com o cenário social discrepante em seu bairro também entra em jogo. Starr precisa encontrar sua voz, precisa decidir o que fazer com sua tristeza e em como vai transformá-la em justiça. Também é acessada a relação familiar, fraternal, escolar com individualidade e personagens que crescem ao decorrer da leitura. Apesar dos temas dolorosos tratados, a leitura é leve, dinâmica e agradável, muitas vezes com diálogos bem humorados e que conversam com qualquer tipo de pessoa.

A autora do livro, Angie Thomas, nasceu em 1988 em Jackson, Mississipi. Ela cresceu em um bairro afro-americano economicamente deprimido e foi exposta à

violência armada desde muito jovem. Thomas se interessou pelo hip-hop como forma de expressão e fez rap em apresentações quando era adolescente. Ela se formou em redação criativa pela Belhaven University em Jackson. É importante o reconhecimento de uma mulher negra que ao crescer, não conseguiu encontrar ficção adolescente que refletisse sua experiência, em vez disso encontrou um espelho no hip-hop. Mas agora, infunde muito da cultura hip-hop em seus livros. Em suas obras muito se vê de sua vivência, suas linhas causam uma identificação para pessoas negras e motivação para continuar lutando contra as injustiças raciais que nos atravessam, desmitificam estereótipos atribuídos a nossa cor e que por muitas vezes nos fazem acreditar que o nosso caminho já está determinado para o fracasso.



Meu nome é Caroline Batista, tenho 18 anos e sou cria da Zona Oeste do Rio. Moro em uma pequena comunidade, em Bangu, desde que nasci. Amante da dança, Beyoncé e Flamengo. Cresci sendo influenciada por professores que passaram pela minha vida, e atualmente estou no caminho de realizar meu sonho de ser educadora e de alguma forma ajudar a ampliar as visões de mundo de outras pessoas através da educação, assim como a minha foi e tem sido transformada.

## O ódio que você semeia

Clara Fernandes Bragança Romão

A obra literária *The Hate U Give*, (*O ódio que você semeia*), da escritora Angie Thomas, é um romance inspirado pelo assassinato de Oscar Grant, que aconteceu no ano de 2009, em San Francisco, EUA. Oscar Grant era um negro de 22 anos, que estava desarmado, foi detido e depois baleado pelas costas pela polícia da Califórnia. Essa obra, considerada a sua mais famosa, foi fruto de uma indignação tanto desse caso, como também a morte de outros jovens negros, como Trayvon Martin e Tamir Rice. Esse livro foi o primeiro a vencer o Walter Dean Meyers Grant, em 2015, na categoria We Need Diverse Books. O romance também foi adaptado para o cinema pela Fox, e chegou ao primeiro lugar da lista do *The New York Times* na semana do seu lançamento.

Antes de te contar um pouco sobre a história desse livro, gostaria de te apresentar um pouco sobre a história da autora. Angie Thomas, uma escritora norte-americana, nasceu e foi criada na cidade de Jackson que se localiza no Estado do Mississippi nos EUA. Foi a primeira negra a se graduar em Escrita Criativa, pela Universidade de Belhaven, uma faculdade particular cristã, no Mississippi. Thomas cresceu perto da casa do ativista de direitos civis Medgar Evers, o qual sua mãe ouviu o tiro que o matou. Quando tinha seis anos, Thomas testemunhou um tiroteio e no dia seguinte, sua mãe a levou até a biblioteca para mostrar a ela que “havia mais no mundo do que o que Thomas viu naquele dia” e esse episódio deu origem a sua carreira como escritora. Os primeiros textos literários de Thomas se encaixavam no gênero fantasia, porque ela não acreditava que relatos sobre a sua própria experiência

poderiam ter relevância. Porém, um de seus professores da faculdade a incentivou, sugerindo que suas experiências eram únicas e que sua escrita poderia dar voz a aqueles que foram silenciados e cujas histórias não foram contadas. Thomas afirma que pretende “mostrar a verdade e derrubar estereótipos” com a sua escrita e vai além, dizendo que é importante para a comunidade branca ouvir as queixas do movimento *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam). Essa breve apresentação da história de vida de Angie Thomas é importante para compreendermos que apesar da história do livro ser fictícia, é fruto de uma profunda indignação da autora por acontecimentos reais de uma dura e triste realidade que não somente ela presenciou, mas milhares de outras pessoas presenciam diariamente em todo o mundo: O racismo.

O livro conta a história de uma menina chamada Sttar, que vive entre dois mundos: o bairro pobre em que mora e o colégio particular em que estuda. Ainda assim ela leva sua vida normal como a de tantas outras meninas de 16 anos, até o momento em que ela e seu amigo, Khalil, são parados por uma viatura. Sttar presencia a morte de seu melhor amigo de infância que foi forçado a sair do carro e por causa de um movimento errado e uma suposição feita pelos policiais, é brutalmente assassinado, sendo ela a única testemunha do local. Em pouco tempo, esse caso é manchete em todos os jornais e suposições feitas pelas pessoas de que ele era um bandido, ou um traficante, ou que fazia parte de uma gangue ou ainda que deu motivos para que o policial atirasse nele estavam sendo feitas em toda parte. E ainda em luto, em choque e indignada com a injustiça tão explícita que presenciou, Sttar entende que precisa recuperar suas forças e ganhar voz para lutar contra todas as mentiras, falsas acusações e falsos testemunhos. Tudo isso colocando a si mesma em

perigo, enfrentando ameaças e opressão, em busca de saber se a justiça é cega ou não.

É interessante saber que a autora, Angie Thomas, em uma entrevista ao *The Lost Times*, explica como a morte de Oscar Grant a deixou arrasada e incentivou a escrever essa obra. “Na minha raiva e frustração, escrevi um conto sobre um garoto chamado Kallil que era muito parecido com Oscar e uma garota chamada Sttar que era muito parecida comigo”, revelou Thomas nessa entrevista.



E eu, Clara Fernandes, uma menina branca, de 19 anos, que nunca tive que aprender a como me portar frente a um policial para não ser morta, ou a não correr em lugares públicos para não levar um tiro pelas costas, reconheço meus privilégios e não carrego nenhuma experiência que se assemelhe com a de Sttar, que como diz em uma parte do seu livro:

“Quando eu tinha 12 anos, meus pais tiveram duas conversas comigo. Uma foi a de onde vêm os bebês e tal. [...] A outra conversa foi sobre o que fazer se um policial me parasse. Mamãe se agitou e falou para o papai que eu era nova demais para isso. Ele argumentou que eu não era nova demais para ser presa nem levar um tiro. — Sttar-Staar, faça o que mandarem você fazer — disse ele. — Mantenha as mãos à vista. Não faça movimentos repentinos. Só fale quando falarem com você.”

Mas embora eu não saiba e nunca saberei como é sofrer na pele o racismo, esse livro me levou a uma profunda indignação, inconformismo e dor. Esse não é um livro para que somente pessoas com a história parecida com a de Sttar ou a da própria autora possam ler e se identificar. Esse é um livro para todas as pessoas, de todas as cores, classes, etnias e religiões, afinal, essa é uma luta em que todos os indivíduos devem se juntar para combater. Por isso, pessoalmente, acredito ser extremamente necessário e relevante que todos leiam esse livro e que através dessa experiência tenham seus olhos abertos e sensíveis a essa triste e dura realidade.

## Eu sou Malala

Cláudia Fátima de Souza Fernandes

A escolha do livro se deu por ser uma leitura que inspira a sair da zona de conforto e a não se curvar e nem se calar perante o sistema. Aos 16 anos, a paquistanesa Malala Yousafzai compartilhou com o mundo a sua biografia em que relata sua luta pelo direito à educação, que quase lhe custou a vida. A adolescente tornou-se um símbolo global de protesto pacífico quando aos 15 anos foi atingida na cabeça por um tiro à queima-roupa enquanto voltava da escola. A história de Malala renova a crença na capacidade de uma pessoa de inspirar e modificar o mundo. Nas palavras da ativista “A educação é o caminho para salvar vidas”.

É uma leitura extremamente necessária para entender questões políticas, sociais e religiosas do Paquistão, país do Sul Asiático que possui a sexta maior população do mundo e tem o inglês e o urdu como idiomas oficiais. A autora do livro é uma ativista referência na defesa dos direitos humanos e do acesso das meninas à educação. Seu livro é um relato impactante, de uma realidade muito distante da liberdade que vivemos e que nos faz refletir sobre qual é o nosso papel no mundo e o que estamos fazendo para torná-lo mais justo e igualitário.

Malala Yousafzai nasceu em 1997, no vale do Swat, Paquistão. *Eu sou Malala* é a biografia dessa jovem paquistanesa que conta a sua história a partir da pergunta feita pelo terrorista que a baleou: quem é Malala? Após ser baleada em 2012 pelo Talibã, continuou sua campanha pela educação para todos por meio do Fundo Malala. No ano de 2013 lançou sua biografia em colaboração com a jornalista britânica Christina Lamb e foi considerada pela revista Time como

uma das 100 pessoas mais influentes do mundo. Em 2014, aos 17 anos, tornou-se a pessoa mais jovem a ser condecorada com o Prêmio Nobel da Paz. Já em 2020, aos 22 anos, a jovem formou-se em Filosofia Política e Econômica pela Universidade de Oxford. Atualmente vive exilada com a família em Birmingham, Inglaterra.

*Eu sou Malala* é uma potente história que relata a infância e adolescência de uma garota paquistanesa, os primeiros anos de vida escolar, as asperezas da vida numa região marcada pela desigualdade social, a formação do Paquistão, suas belezas, seus costumes, a organização da sociedade, a religião islâmica, a ascensão do Talibã ao poder, as trevas da vida sob o domínio Talibã. A autora mescla suas memórias e experiências pessoais e de sua família com os acontecimentos históricos do seu país tornando o livro uma verdadeira aula de história explicando toda a origem do Paquistão, bem como o impacto do 11 de Setembro no país e em sua população.

Malala é a filha mais velha de uma família de cinco pessoas. Teve forte influência do seu pai, um dedicado defensor dos direitos humanos e educador que com muita luta administrava uma escola para meninas, e sua mãe, uma mulher analfabeta, mas que entendia a importância da educação. Seus pais sempre estimularam a jovem a estudar, ler e defender seus ideais, mesmo sendo uma mulher em um país muçulmano onde o feminino é visto como inferior e impuro. “Nasci menina num lugar onde os rifles são disparados em comemoração a um filho, ao passo que as filhas são escondidas atrás de cortinas, sendo seu papel na vida apenas fazer comida e procriar.”

“Eu lia livros como Ana Karênina, de Leon Tolstói, e os romances de Jane Austen. Confiava nas palavras de meu pai: “Malala é livre como um pássaro.” Quando ouvia as histórias sobre as atrocidades que aconteciam no

Afeganistão, eu celebrava o Swat. Aqui uma menina pode ir à escola, eu dizia. Mas o Talibã estava logo ali, na esquina, e era pachtum como nós. Para mim, o vale era um lugar ensolarado. Não pude ver as nuvens se juntando atrás das montanhas. Meu pai costumava falar: “Vou proteger sua liberdade, Malala. Pode continuar sonhando.”

As condições no Paquistão pioraram drasticamente com a ascensão do regime Talibã. As mulheres teriam que usar burca, não poderiam andar sem a companhia de um homem da família, e entre tantas outras imposições, as meninas estavam proibidas de estudar. Em 2009 o grupo extremista estabeleceu o dia 14 de janeiro como data limite para as garotas deixarem de ir à escola. Quando o Talibã tomou controle do vale do Swat, Malala levantou a voz e recusando-se a permanecer em silêncio, lutou pelo seu direito à educação. Em meio aos horrores da guerra, ela sempre se manteve preocupada com os estudos.

Aos 11 anos de idade criou o pseudônimo Gul Makay para escrever em um blog da BBC a respeito da vida sob o domínio do Talibã. Foi convidada a mostrar ao mundo o que acontecia no seu país tornando-se militante pela educação do vale do Swat. Concedeu diversas entrevistas como defensora dos direitos a educação de meninas tornando-se uma ameaça ao Talibã. Sua determinação e ousadia quase lhe custaram a vida. Em 9 de outubro de 2012, Malala foi atingida na cabeça por um tiro à queima-roupa dentro do ônibus no qual voltava da escola. Na época, Malala tinha 14 anos e muitos sonhos. A jovem sobreviveu ao atentado contra a sua vida e isso não a impediu de continuar lutando. "Eu sou mais forte que o medo."

Malala se posicionou contra um sistema ditatorial e violento e conseguiu levar a luta do seu povo ao mundo. Como ela mesma disse, “Nossos livros e canetas são as

armas mais poderosas. Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo. Educação é a única solução”.

Palavras-chave: Malala, ativista, educação, motivação escolar, empoderamento feminino.

Sugestão de livros com temáticas semelhantes: *Malala e seu lápis mágico* de Malala Yousafzai, *Nujenn de Nujeen* Mustafa e Christina Lamb, *As meninas ocultas de Cabul* da jornalista sueca Jenny Nordberg, *O Segredo do meu Turbante* de Nadia Ghulam e Agnès Rotger, *O caçador de pipas* e *A cidade do Sol* de Khaled Hosseini e *Que eu seja a última* de Nadia Murad.



Sou Cláudia Fernandes, mulher branca, 36 anos, mãe da Laura de quatro anos e do Daniel que ainda está no “forninho”. Estudante de Pedagogia, amante de livros, especialmente biografias e livros inspiradores que retratam histórias reais.

## Olhos d'água

Daphne dos Santos M. Trindade

Olhos d'água... De uma forma literal, é dessa maneira que me encontrei após uma entrega à leitura dos 15 contos contidos na obra de Conceição Evaristo. O título que dá nome ao livro e ao primeiro conto nos dá, através de uma narrativa sensível e de fácil identificação, um aperitivo do que vem a seguir.

Os contos são, em sua grande maioria, protagonizados por mulheres negras e periféricas, onde são abordados temas como o racismo, violência doméstica, questões de gênero, vulnerabilidade e invisibilidade social e genocídio de pessoas pretas nas favelas. Conceição Evaristo, através de sua escrita afiada e nua, consegue nos colocar no lugar de leitor/personagem, vivenciando as experiências com profundidade e empatia.

Maria Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 29 de novembro de 1946. Aos oito anos de idade, trabalhou pela primeira vez como doméstica, alternando com outras atividades precariamente remuneradas. Trocava horas de tarefas domésticas nas casas de professores por aulas particulares. Sempre estudou em instituições públicas e descreve a experiência de seu Curso Primário como um "Apartaid Escolar", onde "o andar superior era ocupado pelas classes mais adiantadas, os que recebiam medalhas e não repetiam série. Eu, meus irmãos e irmãs éramos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola. Porões dos navios", pelas palavras de Conceição.

Na década de 70, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como professora da rede pública. Graduou-se em Letras pela UFRJ, tornou-se Mestre em Literatura Brasileira pela PUC-RJ e Doutora em

Literatura Comparada pela UFF.

Nos anos 90 ingressa na cena literária ao publicar seus textos na série *Cadernos Negros*, onde começava sua imprescindível contribuição na formação cultural brasileira ao retratar nas suas obras a história do povo negro no Brasil, com uma postura afiada e realista. Por abordar temáticas implicitamente relacionadas às suas experiências vividas, Conceição Evaristo criou o termo "Escrevivências" para definir essa escrita que surge do dia a dia, dos acontecimentos comuns do cotidiano, carregados de memórias pessoais e coletivas de seu povo.

Sabedora dos meus privilégios como mulher branca, numa sociedade carregada de preconceitos, e mesmo não vivido na pele grande maioria das dificuldades narradas no livro *Olhos d'água*, senti-me verdadeiramente impactada pelas histórias retratadas, reconhecendo, mais do que nunca, a necessidade de mais obras como essa, escritas por grandes autoras como Conceição Evaristo, terem lugar de destaque na literatura brasileira, na incansável tentativa de diminuir as gritantes desigualdades sociais. Como bem colocado por Heloisa Toller Gomes no prefácio:

"No livro estão presentes mães, muitas mães. E também filhas, avós, amantes, homens e mulheres – todos evocados em seus vínculos e dilemas sociais, sexuais, existenciais, numa pluralidade e vulnerabilidade que constituem a condição humana. Sem quaisquer idealizações, são aqui recriadas com firmeza e talento as duras condições enfrentadas pela comunidade afro-brasileira. A abrangência de tal problemática ultrapassa, decerto, o mundo negro, assim como transcende o dia de hoje. (...) Atenção, leitor. É com você, é conosco, é com todos, que aqui se fala".

Por fim, considero essa leitura de extrema importância para a sociedade no geral, justamente por abordar de forma tão visceral questões que, se não diretamente, atingem a todos nós de formas particulares e distintas. Somos cercados de mulheres potenciais como Conceição Evaristo e, a mim, parece no mínimo inaceitável que suas vozes não sejam ouvidas e reverberadas na esperança de um futuro menos desigual e mais humano.



Meu nome é Daphyne e sou uma orgulhosa caloura de pedagogia na UERJ. Tenho 42 anos, sou casada e mãe de dois filhos, pelos quais sou apaixonada e, mesmo carregando as culpas comuns à maioria das mães, sinto que fui e continuo sendo a melhor mãe possível para eles. Ingressei na faculdade após 20 anos de conclusão do ensino médio, movida pela vontade de transformar vidas através da educação. Tenho um longo caminho pela frente, e estou animada e ansiosa para viver intensamente cada etapa desse processo.

## Persuasão

Desiree Thees Felicio

Escolhi *Persuasão* de Jane Austen como leitura, pois este romance é um clássico e oferece um rico emaranhado de intrigas, romance e reflexão sobre as normas sociais e as nossas escolhas de vida.

*Persuasão* é uma obra-prima da literatura inglesa, aclamada por sua escrita rebuscada e sua análise perspicaz das relações sociais e emocionais, na qual critica as convenções sociais rígidas da época, onde as escolhas de amor e casamento são frequentemente moldadas por pressões externas e expectativas familiares.

Além disso, a protagonista Anne Elliot é uma personagem complexa e cativante, ela nos conquista com sua sensibilidade, introversão e inteligência. Cujas escolhas amorosas do passado assombram o seu presente. Sua jornada de autodescoberta e reconciliação nos faz refletir sobre temas como arrependimento, perseverança e poder de redenção.

Anne Elliot é a filha caçula de uma família de prestígio que no passado teve um romance com Frederick Wentworth, um homem sem posses na época. Anne foi *persuadida* por Lady Russell, uma amiga íntima da família, sua referência de figura materna, a terminar sua relação amorosa com Frederick, por serem de classes sociais diferentes, porque não seria bem visto pela sociedade e nem aprovado pelo seu pai. Lady Russell não fez isso por crueldade, mas sim porque acreditava estar orientando Anne da melhor maneira possível, um comportamento comum à época. Oito anos depois Anne e Frederick voltam a se encontrar e encarando assim constrangimentos e sentimentos mal resolvidos. Conforme Anne e Frederick vão se aproximando de

forma involuntária, o desconforto e o constrangimento entre os dois vai crescendo a partir de cumprimentos forçados, dados por pura educação e dúvidas que vão surgindo em decorrência de arrependimentos, ciúmes e paixões reprimidas.

Também no livro, nos mostra uma sociedade que está sofrendo uma mudança de classe social, onde pessoas tornavam-se ricas por merecimento ou sorte e passavam a ascender na alta sociedade, enquanto alguns perdiam suas posições de influência e prestígio, outros tentavam a todo custo manter seu padrão de vida elevado. A figura do pai e da irmã de Anne nos mostra o lado fútil e frívolo dessa sociedade, que se orgulhava de seus títulos de nobreza e que por isso, se achavam superiores em tudo no que se refere a quem não fazia parte de seu ciclo social.

A autora Jane Austen, nasceu em 1775, em Steventon, na Inglaterra, foi uma renomada escritora britânica e é considerada uma das importantes personalidades femininas da literatura mundial. Suas obras, são caracterizadas por sua astúcia narrativa e perspicácia social, também são marcadas pela ironia e pela sátira social.

A importância de conhecer mais sobre Jane Austen vai além do apreço por romance. Ela oferece uma janela para a sociedade e os costumes da Inglaterra do século XIX, apresentando uma visão perspicaz das relações sociais, do papel das mulheres e das complexidades do amor e do casamento naquela época.

Os temas abordados por Jane em suas obras, como o poder da autoconsciência, a autenticidade, a importância da honestidade e a luta contra as convenções sociais, são atemporais e ressoam até os dias atuais. Seus personagens vívidos, com defeitos e manias, em suas tramas elaboradas e intrincadas nos convidam a refletir, oferecendo percepções sobre a

natureza humana e o mundo ao nosso redor.

*Persuasão* foi escrito em 1816, foi o último romance concluído de Jane Austen antes de falecer no ano seguinte em 1817, tendo sido publicado posteriormente em dezembro de 1817.

Por fim, *Persuasão* é um livro atemporal, que continua inspirando e encantando leitores de todas as idades ao longo dos séculos. Sua mensagem gira em torno da importância da autenticidade, e a persistência para a superação de obstáculos, e a busca pela felicidade genuína.



Desiree Thees Felicio nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 29 de dezembro de 1998. Desde cedo, demonstrou interesse pelo universo da educação, inspirada pela mãe, que estudava pedagogia. Após concluir o ensino médio com excelentes notas e um curso técnico, Desiree decidiu trabalhar por um período, contudo em 2023 decidiu prestar vestibular e dedicar-se integralmente ao estudo da pedagogia, ingressando na Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2024. Lá, mergulhou de cabeça nos estudos, participando ativamente das aulas.

Desiree acredita firmemente no poder transformador da educação e sonha em contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária através do seu trabalho como educadora. Atualmente, está no primeiro período da sua graduação em pedagogia e planeja continuar seus estudos através de uma pós-graduação em educação.

## Meu corpo, minha casa

Ellen Victória Gueiros de Souza

Rupi Kaur é uma poetisa, escritora e artista da palavra-falada indiano canadense. A conheci em 2018 quando fui apresentada ao seu segundo livro, *O que o sol faz com as flores*. Sua delicadeza e força me tocaram de imediato. Assim, pude ao longo desses anos conhecer outros de seus trabalhos. O livro ao qual indico neste convite é seu penúltimo lançamento, de 2020.

O livro se inicia com o poema:

“depois de tanto tempo separados  
minha mente e meu corpo enfim  
voltam a se encontrar  
- meu corpo minha casa”

Um aspecto interessante da escrita de Rupi é a ausência de pontuação, tal qual como a ausência de letras maiúsculas, quase como se ela entrasse em sua página do twitter e começasse a escrever. Sinto que isso aproxima o leitor do autor, ainda que num primeiro momento haja um estranhamento ao ler as frases.

Rupi então continua uma jornada de reflexão - que foi iniciada em seus primeiros trabalhos, através da intimidade e dos sentimentos mais fortes, alternando entre o passado, o presente e o que ainda está por vir. O livro é dividido em quatro partes, sendo elas: *mente*, *coração*, *repouso* e *despertar*.

Como imaginado, a primeira parte, *mente*, aborda diversos assuntos relacionadas com a mente humana, estando entre eles a depressão, a ansiedade, inseguranças, solidão, melancolia, e o mais sensível de todos: relatos de abuso sexual. Na página 13 do livro é possível ver pela primeira vez nessa obra um poema

sobre o assunto. Com imensa delicadeza, Kaur narra o evento, fato que se repete algumas vezes ao longo dos textos, mostrando perspectivas diferentes e sensação de culpa sentida pela vítima. Um poema interessante se encontra na página 33, onde a autora descreve não se lembrar dos anos traumáticos que viveu e que sua terapeuta dizia que a mente apagava o trauma. De fato, estudando um pouco sobre psicologia, entendemos o que a terapeuta de Rupi quer dizer com essa contestação, uma vez que o recalque é um mecanismo de defesa muito presente em nossas vidas, ainda mais diante de eventos ditos canônicos.

Na segunda parte do livro, *coração*, a indiana descreve sobre as relações amorosas e suas dores, oscilando entre o amor e os relacionamentos abusivos, a expectativa e a incerteza do “não saber o que o outro sente”. É neste período de textos que a autora fala sobre autoestima e amor próprio, enfatizando a importância de ambos para a construção de relacionamentos saudáveis, sejam eles amorosos, familiares ou consigo mesmo. Fala-se também sobre a fraternidade e o apoio que mulheres se dão em muitos momentos – amiga, mãe, tia. Sempre uma mulher (pag. 71) Um assunto bastante comum nos poemas de Rupi é a sexualidade, não necessariamente como o sexo (ato) em si, mas toda aquela energia que nos move e nos leva a buscar mais. A liberdade da qual as mulheres são privadas de exercerem suas vontades é de igual forma um tópico presente em suas falas.

Na fase *repouso*, o assunto que retorna é a ansiedade, dessa vez na forma de uma cobrança excessiva, uma necessidade de produtividade, de ser bem sucedido. É aqui que Rupi traz um pouco das origens de sua infância humilde, onde seu pai era caminhoneiro e sua mãe, dona de casa - o que por muitas vezes era motivo de vergonha ou constrangimento entre os colegas de

classe, ainda que a pequena Kaur entendesse e reconhecesse o trabalho importante realizado pela mãe. Ambos imigrantes num país gigante, apenas tentando sobreviver e criar suas filhas; vem daí o senso de responsabilidade, de certa forma exagerada. Quem nunca sonhou em dar aos pais uma condição de vida melhor em agradecimento por todos os sacrifícios feitos pelos mesmos em nosso favor?

Por fim chegamos a última parte, *despertar*, onde críticas ao governo e a sociedade estão presentes, como se de fato as vendas dos olhos tivessem sido retiradas. A ancestralidade é um ponto muito forte nessa parte do livro, como no poema da página 142:

“foi por nossas dores  
que comecei a escrever poesia  
cada palavra  
que escrevi na vida  
foi para nos devolver a nós mesmos”

Seria então um retorno às origens, se colocando no lugar de agir e conquistar tudo aquilo que o potencial é capaz de alcançar. Rupi é bem incisiva e sarcástica quanto ao machismo e a misoginia presente na sociedade. Ela também rebate o feminismo no texto da página 152:

“não tenho interesse  
num feminismo que pensa  
que alçar mulheres ao topo  
de um sistema opressor é suficiente  
- não contem comigo como porta-voz”

Impactante, forte e sensível. Assim são os textos de Rupi Kaur. A leitura é de certo rica - de significados, de aprendizados, de sensibilidade.



Ellen Gueiros é fluminense (apesar de ser flamenguista), natural de Mesquita - RJ e atualmente reside em Nova Iguaçu. No auge de seus 22 anos, ingressou na faculdade de seus sonhos - UERJ - após cinco longos anos de vestibulares, provas e concursos. Pedagogia não era seu sonho a princípio, mas se tornou uma opção ao presenciar o descaso e falta de profissionais capacitados ao longo do convívio e na observação do processo de aprendizagem de sua sobrinha, Eduarda, que possui o diagnóstico de TEA e TDAH - nível um de suporte.

## As leis dinâmicas da prosperidade

Emily Cristiny Amaral Freitas

O livro escolhido chama-se *As leis dinâmicas da prosperidade*, desenvolvido por Catherine Ponder. A escolha foi definida pelos aspectos interessantes e singulares que a autora aborda.

Assegura-se que é uma obra que garante ao público a consequência de refletir sobre a maneira que o ser humano lida com a vida no cotidiano estressante e agitado, contudo também é proposta a conscientização sobre a importância de considerar o pensamento positivo sempre que possível, já que comprovado cientificamente o exercício de pensamentos prósperos oferecem benefícios positivos para a saúde mental e física, e segundo Catherine Ponder, beneficia também o nosso espiritual divino profundo.

Catherine escreve sobre prosperidade a mais de 20 anos e é um destaque nos Estados Unidos, além de autora, ela também é ministra, palestrante e pastora na *Unity Church*. Ponder nasceu em 14 de fevereiro de 1927 na Carolina do Sul nos EUA, afirma-se que Catherine viveu uma juventude de pobreza, porém ao decorrer de sua vida colocou em prática atitudes que geram sucesso e felicidade por meio do amor, oração e positividade.

Ponder com suas experiências compartilhou sua sabedoria e vivências na prática em livros, o que mostra significativamente a importância da escrita no mundo. A palavra “livro” é conceituada do latim; liber, é um objeto transportável composto por encadernadas contendo texto impresso e/ou imagens, de acordo com a *Wikipédia*. E pode ser classificado por diferentes gêneros como, por exemplo: Dramático, literário, poético, fictício e etc. Mas, em outros sentidos, um livro transporta a alma do autor, escrever é se expressar de

maneira íntima, é expor seus desejos mais profundos, suas dores não curadas, sua imaginação, suas políticas, suas culturas e seu amor, ou seja, há muita complexidade quando o assunto é “livro”.

De acordo com a autora Ponder, é necessário compreender e usufruir os pensamentos vastos sobre veracidade. Quando estamos explorando a leitura tentamos compreender o autor no sentido de gerar empatia pelo próprio? E refletir sobre suas possibilidades de ideias? Estes são questionamentos tais quais nos alertam sobre a importância de valorizar além do que o autor deseja expressar. *As leis dinâmicas da prosperidade* ressalta conhecimentos do estilo de vida com sucesso na área financeira, educacional, motivacional, espiritual e salubre, desde já é um livro com propósito de compartilhar com o leitor experiências extremamente profundas e íntimas.

Esse texto foi escrito com o objetivo de exaltar a querida Catherine Ponder e ressaltar a importância de um autor como todo e o livro como singular.



Me chamo Emily Cristiny, nasci em março de 2004, em Brasília-DF, Brasil. Desde criança sempre adorei escrever, ler e estudar, atualmente acho o máximo dividir minhas ideias de escrita e me aventurar no mundo da leitura.

## Meu amigo pintor

Fernanda Accioly de Albuquerque Alves

O livro *Meu Amigo Pintor* (1987) escrito pela autora Lygia Bojunga Nunes, tem a história narrada por Cláudio, um menino de 11 anos que sofre a perda do seu melhor amigo pintor por suicídio. O livro explora os temas de suicídio, luto, arte e a interpretação da vida com uma escrita abstrata e poética. Muitas vezes no livro, as cores e arte são usadas para contar a história em si.

Lygia Bojunga Nunes, nascida em 26 de agosto de 1932, é uma famosa escritora brasileira e a autora de *Meu Amigo Pintor*. Lygia já foi premiada inúmeras vezes e é autora de diferentes obras como *A Bolsa Amarela* (1976), *Angélica* (1975), *Seis Vezes Lucas* (1994) e entre outros. Lygia é um dos maiores nomes da literatura Infantil brasileira e mundial, seus livros são capazes de despertar interesse não só em um público infantil, mas também em jovens e adultos.

O que me interessou nesse livro, e o que me fez escolhê-lo foi a abordagem dos desafios de como uma criança pode ser capaz de lidar com o luto e como esse tema pode ser introduzido a crianças. Apesar de ser um livro de literatura infantil, a obra trata de temas bastante sensíveis e profundos. Por que eu indicaria este livro? Indicaria, pois ele nos leva a uma reflexão sobre a percepção infantil diante de situações intensas como suicídio e morte sem subestimar ou negar as capacidades de compreensão da criança.



Meu nome é Fernanda Accioly de Albuquerque Alves, tenho 18 anos de idade e estudo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) no curso de Pedagogia.

## Cartas para Violeta

Gabriel Lucas da Silva Terra Ruas

O Livro *Cartas para Violeta* de Alexandra Lima da Silva aborda diversas biografias e histórias de pessoas negras que viveram o terrível período que foi a escravidão moderna, perderam famílias, suas casas, mas resistiram; essas histórias eram transmitidas por cartas para Violeta através de um parente dela.

São biografias e histórias inspiradoras de pessoas que chegaram longe na vida mesmo tendo sua liberdade tomada. Esse livro serve de exemplo para a geração de hoje, mostra a importância da Educação nas nossas vidas e do quanto é importante termos essas histórias vivas nas nossas memórias para que não se torne uma realidade novamente. Viva uma experiência única, se inspire e busque absorver as diversas lições de vida que esse livro nos oferece.

A minha motivação para a escolha desse livro é o interesse em histórias de superação, histórias de pessoas que, apesar das dificuldades, conseguiram vencer e esse livro sacia esse meu interesse de maneira esplêndida. Sem deixar de mencionar que o livro aborda temas sociais, como a luta contra a escravidão e a educação.

Eu indico esse livro porque acredito que ele é um livro “necessário”, no sentido de nós, adultos e crianças, conhecermos nossas raízes e mantermos vivos o nosso passado. Tem uma frase do livro que explica o “necessário”: “É preciso saber os nomes deles e delas/ Para que não sejam levadas pelos ventos do esquecimento”.

A autora do livro é Alexandra Lima da Silva: escritora e ilustradora de livros infanto-juvenis com temáticas voltadas para a diversidade, inclusão e

representatividade. A importância de conhecermos a autora contribui para a credibilidade do livro que estamos lendo, para a conexão que o autor tem com a obra e assim, o leitor consegue ter uma experiência cada vez mais única.

Fonte da Biografia da autora:

<https://sementesdebano.com.br/>



Meu nome é Gabriel Lucas da Silva Terra Ruas, nascido e criado no Rio de Janeiro, no bairro de Padre Miguel, Zona Oeste. Torcedor do Flamengo doente e apaixonado por futebol. Minha infância e minha adolescência foram extremamente difíceis. Meu sonho é ajudar crianças e jovens que irão passar pela situação que passei, usando a Educação como instrumento, pois se eu estou aqui hoje, foi porque uma orientadora educacional na minha escola me ajudou e isso me motiva a seguir esse caminho.

## Tchau

Gabriella Haddad Tavares

Lhe convido a embarcar na intensa, mas sensível leitura do livro *Tchau* da escritora brasileira Lygia Bojunga.

A obra infantojuvenil reúne quatro contos: *Tchau*, *O bife e a pipoca*, *A troca e a tarefa* e *Lá no mar*. Narrativas que, pelas palavras da própria autora, abordam paixão, amizade, ciúme e a necessidade de criar.

O livro é marcado por uma escrita muito sensível, mas com uma linguagem simples. Além de possuir uma marca característica de outras obras da Lygia, a mescla entre o real e a fantasia, tornando a experiência do leitor mais leve e divertida.

*Tchau* recebe esse nome não só por carregar um conto com o mesmo título, mas por todos os outros também terem como foco principal a despedida, fim e encerramento de ciclos. Retrata relações de amor, família e sentimentos que nos consomem.

Bom para refletir e difícil de não se identificar e se deixar levar pela narrativa.

Essa relação já se mostra desde a capa, estampada pela ilustração *Os Solitários de Edvard Munch*, escolha da Lygia para simbolizar esses sentimentos.

Lygia Bojunga é um dos principais nomes da literatura infantojuvenil brasileira. Prestigiada com diversos prêmios nacionais e internacionais, entre suas principais obras estão: *Os colegas* (1972), *A bolsa amarela* (1976), *A casa da madrinha* (1978), *Tchau* (1984), *O meu amigo pintor* (1987), *Sapato de salto* (2006).

Em 2002, a escritora fundou sua própria editora para preservar seus livros, a Editora Casa Lygia Bojunga. Criou também, a Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga,

onde apoia projetos literários e ambientais.

*“Todos os meus personagens são um pedaço de mim.”*



Me chamo Gabriella Haddad, sou uma mulher de 20 anos cursando o primeiro semestre de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

## Fala sério, mãe!

Gabrielle Fernandes Pereira

Escolhi esse livro, pois marcou muito a minha infância e início da adolescência, ele teve uma grande influência que me fez entrar no mundo da leitura. O livro retrata de uma forma bem-humorada a relação entre uma mãe e filha adolescente. Essa obra tem muitas semelhanças com o cotidiano entre pais e filhos, como situações engraçadas com nossos pais durante nossa infância e adolescência.

Na obra, a autora Thalita Rebouças apresenta os dois pontos de vista da filha adolescente e da mãe. A mãe Ângela Cristina possui cuidados excessivos quando se trata dos filhos, às vezes acaba sendo muito dramática e escandalosa, com isso sua filha primogênita Malu tem que intervir para que ela não passe dos limites, e isso é retratado de uma maneira bastante cômica. Mesmo com todos os defeitos, Ângela é muito acolhedora com os filhos e está disposta a superar tudo por eles. Uma fala interessante que eu achei do livro foi essa que a Malu diz: “Um dia você acorda e se vê obrigada a cuidar de quem sempre cuidou de você. É nesses momentos que descobrimos que nossos pais não são super-heróis. São gente como a gente, só que mais crescidos, o que não dizer mais maduros.” Essa fala é favorável para a compreensão da transição entre as fases da vida de Malu e sua mãe, onde Malu percebe que sua mãe apesar de tudo, sempre estará lá por ela e seus irmãos. Esse livro me faz pensar sobre a importância da presença materna e também a boa relação com os filhos, e a autora Thalita Rebouças conseguiu retratar isso muito bem a ponto de me emocionar.

Thalita Rebouças Teixeira é uma escritora e jornalista brasileira, nascida na cidade do Rio de Janeiro, no dia 10

de novembro de 1974. É autora de livros direcionados ao público infanto-juvenil, ela já vendeu milhões de exemplares. Além do fenômeno literário, suas obras foram levadas ao cinema. Desde criança Thalita tinha interesse pela leitura, gostava de escrever e brincava de fazer livros, com dez anos se denominava como “fazedora de livros”.

Em 2001, Thalita lançou seu primeiro livro *Um Caso de Cativo*. No mesmo ano, ela participou de sua primeira bienal, em uma tarde de autógrafos para o livro *Traição entre Amigas*.

No ano de 2003, lançou *Tudo Por um Pop Star*, que foi um sucesso e acabou se tornando *best-seller*. Os livros de Thalita rapidamente entraram na lista dos mais vendidos no país e outros foram traduzidos e distribuídos para diversos países da América latina.

No audiovisual, Thalita iniciou como roteirista na série *As brasileiras*, em 2012. Nos anos seguintes, trabalhou em adaptações de seus livros para o cinema, como *Tudo por um Pop Star* (2018) e *Ela disse, Ele disse* (2019). Thalita também é conhecida por seu trabalho como repórter e apresentadora.

Acho muito importante saber mais sobre a autora Thalita Rebouças, pois ela aborda temas presentes na nossa infância e adolescência em suas obras, como o bullying, desilusões amorosas e LGBTQIA+. É fundamental apresentar esses temas para o público adolescente para estimular a empatia e o respeito às diferenças.



Eu, Gabrielle, mulher de 18 anos e autora deste convite, desde criança sempre gostei muito da leitura. Hoje em dia não é diferente. Quis apresentar um livro para o público infanto-juvenil, pois quando estava nessa fase houve muitas emoções na minha vida, e, acredito que houve o mesmo com muitas crianças e adolescentes. Sinto uma enorme nostalgia e me sinto de volta ao passado quando leio livros para esse público novamente. Escolhi cursar pedagogia porque fui influenciada pelo curso normal que fiz no ensino médio e gostei bastante. A leitura para mim, desde criança, foi uma forma de refúgio para meus problemas, e isso também me influenciou para a escolha do curso, pois a leitura também é bastante trabalhada na pedagogia. Para mim a educação move a sociedade, por isso sinto que fiz a escolha certa, e sou muito realizada com o que faço.

## Vermelho, branco e sangue azul

Helena B. Barros dos Santos

O livro se chama *Vermelho, branco e sangue azul*. Fala sobre dois rapazes (Alex, filho da presidenta dos Estados Unidos, e Henry, parte da família real da Inglaterra), que fingem ser melhores amigos por uma semana. Porém, essa relação acaba evoluindo para algo a mais, podendo ou não dar certo (isso você só descobre durante a leitura).

Trata-se de uma temática chamada pela Internet de *Anemies to lovers*- na qual os personagens são rivais que acabam se apaixonando ao longo do tempo. Particularmente, o indico, pois, apesar de seus momentos sérios, é um romance clichê, sendo fluido e interessante de acompanhar. Quando você menos percebe, já se passaram 50, 100 páginas... É o tipo de livro no qual você se vê como o protagonista e acaba se envolvendo com as situações, sentindo, como se fosse você ali. A autora do livro, Casey McQuiston, atua escrevendo romances LGBTQIA+ e ficção jovem-adulta. Seu trabalho conta com livros como *Eu Beijei Shara Wheeler* e *Última Parada*.

É importante sabermos mais sobre ela, pois McQuiston revelou que escreve livros que façam os adolescentes LGBTQIA+ se sentirem menos isolados, dando apoio e visibilidade à comunidade.



Me chamo Helena Barros, tenho 18 anos, curso Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e convido vocês a leitura de um livro que trata sobre sexualidade, política e vida real.

## Ensinando a transgredir

Heloísa Custodio Miranda

A educação que temos hoje em dia nas escolas, ainda não é totalmente igualitária, mas teve muitas melhorias em comparação com uns tempos atrás. Para continuarmos revolucionando a cada dia, e tornando ela cada vez mais acessível e inclusiva, entendendo as características e divergências de cada um, devemos nos atentar a outros pontos de vista, ouvir outras pessoas e nos colocarmos em suas posições, levando em consideração o contexto social e a realidade de cada um.

Gloria Jean Watkins, falecida em 2021 com 61 anos, conhecida pelo seu pseudônimo bell hooks, foi uma autora, professora, feminista e ativista antiracista, escreveu o livro *Ensinando a Transgredir*, publicado pela primeira vez em 1994, que conta sobre sua experiência estudando em uma escola majoritariamente branca, e como ela sentia não se encaixar nesse ambiente, ela fala também sobre a pedagogia engajada, que se trata da ideia de acreditar em uma sala de aula interativa, com compartilhamento de ideias, onde todas as pessoas no ambiente têm relevância e a troca de conhecimento é mútua. Ela cita também o honrado Paulo Freire, Educador e Filósofo brasileiro. Sua principal ideia defendida era a educação como prática da liberdade.

Ela era muito adepta a pedagogia crítica baseada nos ensinamentos de Paulo Freire, que segundo suas palavras “alimentou sua luta contra o processo de descolonização”, a autora era muito incomodada pela lógica da dominação colonialista eurocêntrica que se reproduziam no contexto escolar, e fez o que pôde para renovar ideias, pensamentos e métodos da banca de professores de sua universidade, Oberlin College.

Mesmo com seu estilo progressista e revolucionário,

Gloria aprendeu a respeitar o fato de que a mudança de paradigmas e de compartilhar o conhecimento de maneira nova são desafios, certamente significa sair da zona de conforto para alguns.

Eu acho muito importante a leitura desse livro porque é enriquecedora e te leva à abrir a mente e a enxergar coisas que o leitor enquanto uma pessoa branca, nunca tenha percebido, e que o leitor enquanto uma pessoa negra, veja uma situação que talvez possa ter passado em sua vida e não teve como colocar em palavras. É importante para novos educadores, e até para os mais antigos, porque não existe idade nem anos de carreira definidos para fazer uma revolução, para inovar seus métodos. Para aqueles que não têm voz na educação, que muitas das vezes é concebida como se fosse um privilégio dado pelos homens brancos e não um direito de todos os cidadãos.



Eu me chamo Heloísa Custodio Miranda, tenho 17 anos, sou nascida e criada na Zona Oeste do Rio de Janeiro em Inhoaíba, e terminei meu ensino médio em 2023 no Colégio Estadual Missionário Mário Way, e atualmente sou estudante de Pedagogia na UERJ.

Meus hobbies são cuidar do meu cabelo, fazer compras, fazer as unhas e também gosto de assistir filmes, séries, e ler livros. Também gosto muito de estar com a minha família e meu namorado, fazer passeios, lanches, conversar e dar risada, gosto muito de animais e tenho uma cadela pinscher e um gato, e recentemente estou cuidando de dois gatinhos

filhotinhos que foram abandonados numa praça, mas quando eles crescerem eu pretendo doar.

Eu ainda moro com meus pais e acho que isso ainda vai continuar assim por muito tempo, pelo menos até eu me formar e finalmente trabalhar, o que deve demorar pelo menos uns 4/5 anos. Até lá vou me dedicar nos estudos e fazer o possível para ter a melhor convivência.

## Meu amigo pintor

Igor Domingos da Silva

*Meu amigo pintor* é um livro de caráter literário infantojuvenil, lançado pela primeira vez no ano de 1986 pela escritora brasileira Lygia Bojunga Nunes. Apesar de ser voltado para o público mais jovem, o mesmo pode ser lido por qualquer faixa etária, já que traz um assunto comum a todos.

Uma vez que o suicídio é um tema cada vez mais recorrente na nossa sociedade atual e do qual nós tentamos ao máximo esconder dos jovens a realidade sobre o mesmo, o livro é uma ótima abordagem ao tema, visto que trata sobre esse assunto sobre uma perspectiva infantil. A ficção se desenvolve a partir da morte trágica do amigo pintor, vista sob a ótica de Cláudio (o personagem principal do livro), e suas confusões de sentimentos, pois ninguém em seu ciclo familiar quis, explicar de fato, o porquê da morte quase repentina de seu amigo.

A leitura deste livro nos convida a ponderar sobre como abordamos assuntos delicados com as crianças em nossa sociedade. Ao finalizar a obra, fica evidente a importância de explicar todos os eventos, sejam positivos ou negativos, para esses jovens em desenvolvimento. Esconder partes da realidade pode gerar confusão na mente da criança, privando-a de experiências similares e dá oportunidade de compreender e lidar com tais questões de forma adequada.

Assim como conhecer o livro, é de suma importância que também se pesquise sobre a vida de Lygia Bojunga e suas obras já publicadas, pois assim compreende-se melhor a escolha do tema do livro e a linguagem apresentada pelo mesmo. A autora iniciou sua carreira

literária em 1971, com o livro *Os colegas*, obra essa que se trata de uma construção de amizade a partir de uma desavença entre dois colegas. As produções de Lygia costumam abordar temas sensíveis para o universo infantojuvenil, com uma linguagem simples e direta e uma sensibilidade difícil de ver. Uma obra que ilustra muito bem essa afirmação é *A bolsa amarela*, livro publicado em 1976 e, já naquela época, crítico das relações patriarcais de poder na sociedade, pois a menina personagem principal do livro invejava os meninos e queria se tornar um homem quando crescesse, por conta deles sempre estarem no topo das relações de poder e suas vontades, na maioria das vezes, serem as que prevalecem sobre tudo. Lygia é mundialmente reconhecida pelas suas obras voltadas para jovens, tendo ganho em 1982, o *Hans Christian Andersen*, o mais importante prêmio da literatura infantojuvenil.

Portanto, ler *Meu amigo pintor* e outras produções de Bojunga é conhecer uma nova forma de tratar temas tão delicados e complexos, tais como reflexão sobre estruturas familiares, amor e amizade, protagonismo feminino, suicídio, etc, tal qual ter um recurso para abordar esses assuntos com as nossas crianças e jovens, justamente por conta da linguagem simples e fácil de compreender, e também estimulá-los a desenvolver um pensamento crítico e profundo (até certo ponto) das estruturas e relações sociais que se apresentam em nosso cotidiano.



Me chamo Igor Domingos da Silva, um jovem nascido na periferia da cidade do Rio de Janeiro. Tenho 17 anos e atualmente estou cursando o 1º período de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Não tenho experiências com escritas de convite à leitura (inclusive essa é a primeira escrita por mim) e com escrita em geral. A escolha desse livro para o trabalho traz um pouco de minha história de vida junto. Fui apresentado ao mesmo ano passado por conta do vestibular, mas desde os sete anos de idade sou estimulado a ter contato com livros infantis que traziam uma reflexão por traz da leitura, a fim de que eu desenvolvesse meu pensamento crítico.

## Biografia de Frida Kahlo

Isabela da Silva Bento

Quando eu tinha 15 anos, tive o privilégio de mergulhar em um livro fascinante que me levou a uma jornada emocionante, cheia de arte, dor e amor que foi a vida de Frida Kahlo, uma artista mexicana famosa por sua arte surrealista e por sua vida marcante, sua biografia escrita por Maria Hesse, retrata sua vida de maneira emocionante e cheia de vida.

Frida nasceu em 1907 e faleceu em 1954. Sua obra é conhecida por explorar temas como identidade, gênero e mexicanidade. Kahlo também enfrentou adversidades ao longo da vida, incluindo uma poliomielite na infância e na infância mesmo Frida se dizia ser a revolução.

Em 17 de setembro de 1925, quando Frida tinha 18 anos, a mesma sofreu um acidente de ônibus, foi um evento traumático que teve impacto profundo em sua vida e em sua arte, ela estava a caminho da escola quando o ônibus em que estava colidiu com um bonde. O acidente deixou Frida gravemente ferida, ela sofreu múltiplas fraturas, incluindo fraturas na coluna vertebral, na pélvis, em várias costelas e na clavícula. Uma barra de ferro atravessou seu abdômen e saiu pelas costas. Essas lesões causaram dores intensas e problemas de saúde crônica que Frida enfrentou pelo resto da sua vida. Foi nesse período de recuperação que ela começou a pintar, usando um cavalete adaptado que permitia que ela pintasse deitada. A arte se tornou uma forma de escapar da dor física e expressar suas emoções profundas, por isso, muitas de suas pinturas retratam temas relacionados à dor, à vulnerabilidade física e à experiência feminina.

Em 21 de agosto de 1929, Frida se casou com Diego Rivera, a relação dos dois foi uma das mais famosas e

turbulentas da história da arte, a união foi marcada por intensidade, paixão e conflitos.

Diego Rivera era um renomado pintor e muralista mexicano, conhecido por suas obras monumentais que retratavam a história e a cultura do México. Ele era um homem carismático, politicamente engajado e conhecido por seu estilo de vida boêmio, a relação de Frida e Diego era complexa. Por um lado, havia uma profunda admiração mútua pelo trabalho artístico um do outro. Frida, apesar de ser uma artista emergente na época, via em Diego uma figura inspiradora e um mentor. Ele, por sua vez, reconhecia o talento excepcional de Frida e apoiava sua carreira artística. No entanto, a relação também era marcada por infidelidades, ciúmes e tumultos emocionais. Diego era conhecido por ter múltiplos casos extraconjugais, incluindo um romance com a irmã mais nova de Frida, Cristina. Isso causou grande dor e angústia a Frida, que também teve seus próprios casos amorosos, incluindo um com o ex-presidente mexicano Leon Trotsky. Apesar das infidelidades e dos conflitos, Frida e Diego permaneceram casados até a morte de Frida em 1954. Eles se divorciaram em 1939, mas se casaram novamente apenas um ano depois. A relação deles foi uma montanha-russa de emoções, com altos e baixos, mas deixou um legado duradouro na história da arte e da cultura mexicana. Suas obras muitas vezes refletem a intensidade de sua relação e o profundo impacto que um teve sobre o trabalho do outro.

Por fim, a morte de Frida Kahlo ocorreu em 13 de julho de 1954 e foi um evento trágico que marcou o fim de uma vida extraordinária e cheia de desafios. Frida tinha apenas 47 anos quando faleceu, e sua saúde estava debilitada por décadas de doença.

Frida Kahlo faleceu em sua casa, conhecida como *La Casa Azul* (A Casa Azul), na Cidade do México, em 13 de

julho de 1954. A causa oficial de sua morte foi listada como embolia pulmonar, embora haja especulações de que ela possa ter morrido por overdose acidental de medicamentos.

A morte de Frida foi uma perda devastadora para a comunidade artística e para o México como um todo. Sua arte e seu legado continuam a inspirar e a influenciar gerações posteriores de artistas e ativistas, e ela é lembrada como uma das figuras mais importantes e emblemáticas do século XX. A Casa Azul, sua antiga casa e agora um museu dedicado a sua vida e obra, permanece como um santuário para os admiradores de Frida Kahlo em todo o mundo.



Isabela da Silva Bento, uma jovem de 19 anos, nasceu e cresceu no vibrante Rio de Janeiro. Desde pequena, sempre encontrou refúgio e aventura nas páginas dos livros, desenvolvendo um amor inabalável pela leitura. Com o coração sensível e intuitivo típico de uma canceriana, Isabela é uma pessoa dedicada à sua família e tem um carinho especial por sua sobrinha, na qual dedica esse convite, pois quer que ela cresça forte e com arte dentro de si, como Frida.

## Por lugares incríveis

Isabella Veríssimo Magalhães

A obra literária *Por lugares incríveis*, de Jennifer Niven, nos convida a refletir sobre diversas pautas de suma importância hodiernamente, como *bullying*, solidão, depressão, violência e suicídio. Por essas razões escolhi esse livro para fazer um convite à leitura.

Na obra é possível observar como a perspectiva de vida das personagens principais, Violet Markey e Theodore Finch, se aproximam cada vez mais a partir do momento em que o psicológico de ambos se degrada.

Violet, de início, tinha uma vida padrão, invejável por todos. A autora resume em “vida perfeita”, porém, tudo começou a mudar após Violet perder sua irmã em um acidente de carro e se sentir culpada pelo ocorrido. Ela se fecha, se afasta dos amigos e da família, não sai mais de casa, apenas para frequentar a escola. Falando sobre Finch, o personagem tem uma vida totalmente oposta a de Violet inicialmente. Finch tem muitos problemas psicológicos e familiares, lida com a ausência e violência do pai, faz o que “dá na telha” e por essas atitudes é considerado como “aberração” pelos colegas da escola, ele pensa constantemente em formas de suicídio, esperando para seguir a que for mais eficaz. Violet e Finch se conhecem num parapeito, onde os dois planejavam pular do mesmo e assim encerrar suas vidas, mas a partir desse encontro, o rumo da história muda e eles se aproximam, se amparam e, eventualmente, se apaixonam. A aproximação se dá após Finch e Violet formarem uma dupla para um trabalho de geografia, onde eles iriam visitar lugares de Indiana (lugar que se passa a história) escrevendo sobre o local e fotografando, assim criando um diário de aventuras.

A partir disso chegamos a conclusão do nome da obra,

pois todos os pontos que os personagens visitaram se tornaram lugares incríveis pelos momentos que tiveram neles, e em cada um foi deixado para trás um pertence importante de cada personagem, o que gerou uma das frases mais marcantes do livro: “o que importa não é o que a gente leva, mas o que a gente deixa”. Violet não enxerga Finch como uma aberração, o que ajudou o rapaz a ser ele mesmo com a jovem, o lembrando do prazer que é estar vivo.

Apresentando a autora, Jennifer Niven foi criada em Indiana, é autora de contos juvenis com dois *best-sellers* do *New York Times* que são as obras *Por lugares incríveis* e *Juntando os pedaços*. Acredito que é importante sabermos mais sobre a autora e ler sua breve biografia que vem nos livros, porque nos aproxima da mesma e facilita a compreensão da mensagem que sua obra quer transmitir.



Eu me chamo Isabella Veríssimo, tenho 18 anos e sou nascida e criada na Ilha do Governador, zona norte do Rio de Janeiro e curso pedagogia na UERJ. Escolhi convidar/indicar a você, leitor, a conhecer essa história, pois acredito ser importante tratarmos de temas sensíveis que são pouco falados, por serem considerados tabus, impróprios ou até menosprezados. É preciso dar atenção à saúde mental e na minha visão essa obra nos faz refletir muito sobre isso, sobre como é preciso cuidar de nós mesmos, muitas vezes damos atenção aos outros e esquecemos de nós. Mesmo sendo um romance, a obra literária de Jennifer aborda de forma sutil muitos temas que precisam de mais visibilidade.

## O diário de Anne Frank

Isadora Bravo Santos Barbosa

Sou Isadora Barbosa, uma mulher-cis de 18 anos que está cursando o primeiro período de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Durante o afastamento causado pela pandemia de covid-19, me vi cercada pela companhia de vários livros, descobrindo um novo hobby. A leitura, inicialmente, era uma forma de escape da realidade, um refúgio onde eu podia encontrar o conforto emocionado que procurava durante a quarentena. No entanto, ao longo do tempo, ela se transformou em algo mais profundo. Com os livros, consegui alcançar novas perspectivas e explorar diferentes modos de pensar. Depois de muita leitura prazerosa, posso dizer que um dos meus livros preferidos é O diário de Anne Frank e esta é a leitura que os convido a fazer.



A autora do diário-livro, Anne Frank, foi uma jovem judia, vítima do nazismo, que desejava ser uma escritora e jornalista bem-sucedida. Nascida em 12 de junho de 1929, viveu dos seus 13 aos 15 anos em um esconderijo, com sua família e mais quatro pessoas, localizado no anexo secreto da empresa de seu pai, na Holanda, durante a Segunda Guerra Mundial, sendo ajudados pelos funcionários em quem seu pai mais confiava. Durante o tempo que passou escondida, escreveu um diário relatando seu cotidiano, seus sonhos e

sentimentos e as aflições de viver com mais sete pessoas em um espaço tão pequeno e isolado. Seus escritos revelam a esperança e a maturidade para além da sua idade, que nos proporciona uma visão íntima das pequenas alegrias de viver em confinamento. Infelizmente, o esconderijo foi descoberto pelos nazistas. Em 1944 Anne, sua família e os demais foram presos e deportados. Em relatos achados em documentos, Anne contraiu tifo e morreu, provavelmente, em março de 1945, em um campo de concentração na Alemanha, após o esconderijo de sua família ter sido descoberto pelos nazistas. De todas as oito pessoas, o Pai, Otto Frank, foi o único que sobreviveu após ter sido levado para um hospital e conseguido fugir.

Recomendo fortemente a leitura do livro *O diário de Anne Frank* tanto pela inestimável relevância histórica do tema, quanto pela curiosidade pessoal de ler um diário de uma menina de 12 anos que, além de estar vivenciando a puberdade, um dos momentos cruciais na transição entre a infância-juventude e à vida adulta, também estava vivenciando, enquanto judia, um dos momentos mais sombrios da história do povo judeu e da humanidade, como um todo. Seu diário, ao qual carinhosamente apelidou de “Kitty”, serve como lembrança da destruição em massa e opressão de judeus promovidas no Holocausto, não só por Anne ter se transformado em figura histórica, mas também se considerarmos que foi uma pessoa real, que vivenciou todo aquele terror.

Como qualquer ser humano, Anne Frank tinha ambições, sonhos, dúvidas e sentimentos, assim como os mais de seis milhões judeus brutalmente executados no Holocausto. Da leitura de suas confidências diárias, tem-se a impressão de que Anne, em vida, foi uma menina muito alegre e brincalhona, mas que

internamente sofria de uma profunda melancolia, além de também sentir-se como boba, denotada em algumas passagens de seus escritos, como “Sinto um vazio enorme dentro de mim. Antigamente não pensava muito nisso. Os divertimentos e as amizades me tomavam o tempo. Mas agora preocupam-me problemas sérios” (FRANK, Anne, 1942, pág. 56) e “Sempre fui a boba, a desprezada da família. Sempre tive que pagar em dobro pelas coisas que faço, primeiro com as broncas que levo e, depois, por causa de meus sentimentos, que ficam tão magoados.” (FRANK, Anne, 1942, pág. 35).

No decorrer da obra, o leitor também perceberá que Anne tinha muitas questões com sua mãe, passando a dedicar boa parte do diário a reclamações e desabaços sobre esta relação muito conturbada. Já a convivência com seu pai era mais tranquila, sendo afetuosa e mais harmônica do que com sua genitora. Pode-se deduzir que a menina via Otto Frank, seu pai, como um ideal a ser seguido.

O relacionamento com a irmã, Margot Frank, três anos mais velha, era bastante próximo. Poucas vezes atritos entre as irmãs foram citados por Anne. Na verdade, ela reclamava mais sobre a diferenciação que faziam entre as duas do que sobre Margot em si. Sentia que a tratavam muito diferente de sua irmã, como relatado no trecho em que Anne diz sobre a atitude da mãe ao defender a Margot em uma briga: “Que a mamãe se ponha ao lado de Margot, é coisa natural. Morrem uma pela outra. Já estou tão habituada que não me importo com as descomposturas da mamãe nem com o mau gênio da Margot.” (FRANK, Anne, 1942, pág.54).

Nos anos em que ficou no esconderijo, a jovem judia também desenvolveu uma amizade com Peter Van Daan, filho da família Van Daan, que se escondeu no anexo logo após a chegada dos Frank. No começo, Anne menciona em seu diário que não tinha opiniões

favoráveis a Peter, achando-o presunçoso e pouco interessante. Entretanto, com o passar do tempo, foi criando simpatia e interesse pelo menino e, assim, criou-se uma amizade com grande potencial.

Sentindo-se muito sozinha, Anne começou a ansiar constantemente pela presença de Peter e compartilhava em seu diário sentimentos mais íntimos e profundos por ele, os quais eram recíprocos. Anne confessa que Peter foi o menino em quem deu seu primeiro beijo, descrevendo tal momento com uma mistura de excitação e ansiedade.

Um fato curioso a respeito do livro é que Anne utiliza nomes fictícios para retratar os demais que convivem com ela no anexo. A família chamada de Van Daan era Van Pels; Dussel, dentista que também morava com eles, se chamava Fritz Pfeffer, e os ajudantes também “receberam” nomes diferentes. Particularmente, acredito que pode ter sido uma estratégia utilizada devido ao extremo risco que viviam. Podendo ser descobertos a qualquer momento, o diário acabaria servindo como fonte de informações aos nazistas que perseguiram os judeus.

Após o esconderijo ser descoberto, dois dos ajudantes acharam e guardaram o diário de Anne e entregaram a seu pai, quando ele retornou à Holanda, após a guerra. Otto casou-se depois, em 1953, com uma sobrevivente do Holocausto. Foi ele quem divulgou o livro da filha e criou uma fundação com o nome de Anne Frank, na Suíça, em 1963.

Interessante frisar também que existem outros livros-diário escritos por judeus durante o Holocausto. *O diário de Helga* oferece uma visão da infância de uma menina da República Tcheca interrompida pela perseguição nazista. Em contraste, *O diário de Rutka Laskier* é contado por uma adolescente judia-polonesa, que descreve sua vivência dos horrores do Holocausto em

sua cidade natal, Bedzin. Já *O diário de Miriam Wattenberg*, também conhecida como “Mary Berg”, foi um dos primeiros a serem escritos por uma criança. Começou a ser escrito em 1939 e relata as atrocidades vivenciadas durante a ocupação nazista na Polônia.

Todos esses diários, oferecem uma perspectiva única, delicada e difícil sobre a tragédia do Holocausto, destacando o caos e a tentativa de manter a resiliência e humanidade em meio à escuridão.

As confidências de Anne inevitavelmente levam o leitor a um exercício de comparação daquela realidade vivida pela menina com suas próprias. Particularmente, enquanto adolescente, me coloquei a traçar um paralelo entre os dias vividos por Anne no esconderijo e minha própria vida. Ressalvando que jamais vivi qualquer coisa próxima à perseguição enfrentada pelos judeus na segunda guerra, me surpreendi com a universidade de certos sentimentos quando colocados sob mesma perspectiva, resguardadas as devidas proporções. Enquanto menina de 12 anos, muitas vezes sentia-me sozinha e sem amigos, algo que afeta demasiadamente nosso psicológico por alterar a capacidade de encontrar um sentimento de pertencimento, algo crucial na juventude. Anne, trancada no anexo secreto, também expressa essa solidão, mesmo cercada por sua família e as outras pessoas, assim como eu que vivi, na mesma idade que Anne, com minha família. Sua sensação de isolamento é agravada pela necessidade de esconder seu verdadeiro “eu”, por sentir-se constantemente atacada por suas opiniões e pensamentos, algo que também vivenciei na pré-adolescência pela falta de compreensão de que, apesar da pouca idade, já temos nossas convicções a respeito de temas diversos.

Entretanto, a indicação de *O diário de Anne Frank* é considerada por diversos pontos, especialmente por proporcionar uma visão íntima da vida de um grupo de

judeus durante a Segunda Guerra Mundial, bem como pela estrutura textual usada pela autora, cuja colocação de ideias faz com que riamos, choremos e fiquemos angustiados junto com ela ao decorrer do desenrolar do texto. Acredito, também, que a leitura de *O diário de Anne Frank* joga luz para questões muitas vezes ainda ignoradas pela sociedade contemporânea, pelo fato de conduzir o leitor sob a visão de uma menina de doze anos, faixa etária cujas opiniões a sociedade tende a negligenciar, por considerar tais indivíduos como “apenas crianças que não sabem o que falam”.

Perceber o mundo pela visão de uma jovem adolescente é uma experiência sem igual. Ler as descrições emocionantes dos acontecimentos que a cercaram e ansiar pelas próximas páginas para saber o desdobramento do que se passou nos dias que se seguiram em seu angustiante cotidiano cativarão o leitor. Quase como se a própria Anne entrelaçasse sua história ao leitor. Então, prepare um bom chá, reserve um espaço aconchegante e embarque nesta contundente obra literária. Tenho convicção que você terminará a leitura bem diferente do que era ao iniciá-la, pois o livro não apenas oferece uma visão única do Holocausto e de uns dos períodos mais assustadores da história humana, mas também nos inspira a cultivar empatia e coragem em nossas próprias vidas. Prepare-se para uma experiência literária que irá lhe marcar para sempre.



Me chamo Isadora Barbosa, tenho 18 anos e curso Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

## Minha história de perdão e cura

Jailane Santos da Silva

Você um dia já parou na frente do espelho e disse a si mesma que na sua vida nada mais tem jeito? Pois esse é um tipo de sentimento que quase todos nós já tivemos em algum momento da nossa caminhada. Quando nos deparamos de forma terrível com a depressão, ansiedade, medo e traumas que marcaram e fizeram cicatrizes enormes em nossa alma. E agora? Como vamos lidar com tudo? São inúmeras perguntas que surgem em nossa mente, mas sempre tendo otimismo que nenhuma aflição dura para sempre.

Hoje você pode achar que não existe saída para seus problemas, que a depressão vai te matar, que os traumas do passado nunca irão desaparecer, mas tudo é possível quando decidimos nos levantar e determinar um novo recomeço em nossa vida. Quando escolhi a obra *Minha história de perdão e cura* da Stormie Omartian não sabia que seria tão impactante e que me traria tantas reflexões sobre a vida. Falar sobre perdão e cura tocou-me profundamente, pois já vivi momentos angustiantes em minha vida, onde enfrentei situações que achei que não iria sobreviver. Revivi várias lembranças da minha infância, de como algumas situações me causaram traumas, desconfortos e medo. Me identifiquei bastante com alguns fatos que aconteceram com a Stormie, senti um mix de sentimentos e as lembranças foram surgindo no decorrer da leitura. Se você se interessa por livros que exploram espiritualidade, oração ou autoaperfeiçoamento, essa obra pode te ajudar bastante, é um livro de aconselhamento e de muita inspiração. Você irá conhecer uma mulher que não tinha mais perspectiva de vida, uma mulher que conviveu com

a depressão de forma terrível e todos os dias acordava com pensamentos suicidas, uma mulher que na sua infância não teve o amor materno, foi maltratada e desde sempre trancada em um armário, mesmo não sabendo o motivo. Com este livro aprendemos que as adversidades e traumas do passado não podem alterar nosso futuro, existe uma lição e uma linda história de superação e fé. Às vezes só precisamos de alguém que nos escute sem julgamentos, e saiba entender o que estamos de fato sentido. Caso você esteja buscando se fortalecer em sua vida espiritual, aprender sobre práticas de oração mais profundas ou encontrar maneiras de lidar com desafios pessoais, esse livro pode ser um grande aliado na sua trajetória.

Stormie Omartian é uma guerreira, passou por vários conflitos em sua infância e ela não desistiu, mesmo com tantas opressões que teve que enfrentar, uma luz no fim do túnel apareceu. Stormie não teve uma vida fácil, em sua vida adulta teve que encarar diversas barreiras. Sua coragem, força e determinação inspiraram muitas outras mulheres a não desistirem de seus esposos, filhos e nem de suas famílias. A sua história de fé alcançou muitas vidas, mulheres com os casamentos quase sendo destruídos encontraram uma fonte de sabedoria e graça. Ter uma mulher como referência é algo extremamente incrível, saber que diversas mulheres já passaram por tantas dificuldades e mesmo assim elas enfrentaram tudo, de cabeça erguida. Por ser uma mulher cristã, a Stormie se tornou uma grande influenciadora entre várias outras mulheres de diversos países. Saber em detalhes como ela lidou com todos os contratempos da vida, nos dá gás e ânimo para um novo amanhecer.

Tudo se faz novo quando tomamos uma atitude, e essas novas atitudes podem mudar nossa vida toda. Sempre haverá guerras em todas as áreas da vida, mas precisamos ter uma nova perspectiva, um novo olhar e

não abandonar nossa fé em nenhuma circunstância, mesmo que tudo no momento esteja em outra direção. Permita-me conduzi-lo a uma jornada de descoberta, reflexão e transformação. Em meio às páginas do livro de Stormie Omartian, você encontrará não apenas palavras, mas um convite sincero para explorar o poder da oração e da espiritualidade em sua vida diária. Será uma renovação, um leque para você. Haverá pessoas como a Stormie cheias de experiências e com palavras de sabedoria, pois existem inúmeras pessoas que passam por turbilhões de processos e querem muitas vezes findar suas dores e acham que o suicídio é a solução, quantas vezes somos traídos por nosso psicológico, por já estarmos sobrecarregados de tantos problemas. Nessa obra literária a autora também ressalta a importância da terapia com pessoas realmente preparadas para lhe atender e apoiar, de como isso pode fazer uma grande diferença e causar transformações surpreendentes em sua vida, no seu cotidiano, trabalho e na sua vida pessoal. Tudo contribui para viver uma vida saudável e saber que podemos traçar novos horizontes.

Te convido a mergulhar nas profundezas das experiências compartilhadas por Omartian, você será convidado a desvendar os mistérios da comunhão com o divino, a fortalecer os laços com sua fé e a descobrir a verdadeira essência da conexão espiritual. Nessa jornada você não será mais a mesma pessoa, será a sua grande oportunidade de entregar seu melhor e viver um novo recomeço em sua vida, chegou a hora de abandonar seus medos, traumas do passado e ser curado de tudo que lhe causou tristezas e mágoas, é necessário liberar o perdão, é necessário buscar ajuda quando não conseguimos mais lutar com nossas próprias forças. A depressão não é brincadeira, realmente existe e precisa de acompanhamento. Quero que você entenda

que isso não é o fim, isso não irá fazer você dar um ponto final na sua história, agora é a hora de se levantar e lutar com todas as garras, esse livro contém um conteúdo rico, de superação de traumas, medos e de como ter uma família alicerçada, de como o poder da oração e persistência podem alterar vários fatores na vida.

Este livro não é apenas uma leitura, mas uma jornada de autodescoberta. Em suas páginas, você encontrará não apenas respostas, mas também perguntas que o desafiarão a explorar os recessos de sua alma e a encontrar um sentido mais profundo em sua vida espiritual. Nossa protagonista em vários caminhos que só causaram dor, lidar com o desprezo da sua mãe, com as doenças que ainda ninguém conhecia foram os processos mais longo da sua vida e como uma cristã que havia encontrado o amor de Cristo e uma nova chance para tentar novamente precisou suportar os processos que foram aparecendo em torno da sua vida. Em *Minha história de perdão e cura*, Stormie Omartian nos convida a uma caminhada íntima e comovente através das complexidades do perdão e da cura emocional. Nesta obra extraordinária, Omartian compartilha sua própria história de superação, revelando os desafios profundos que enfrentou e as lições de amor e graça que aprendeu ao longo do caminho. Em seu livro ela começa falando a respeito do período que foi o auge de sua carreira, sempre participando de programas de televisão, além de ser uma cantora super talentosa e uma atriz com uma carreira de muito sucesso, mas apesar desses atributos, ela não se sentia realizada, sempre achava que faltava algo para dar sentido a sua vida. Ela era uma mulher que não se sentia segura naquilo que fazia, apesar de todos ao seu redor sempre elogiarem seu trabalho e desempenho ela escondia muito bem a sua infelicidade. O emocional foi se abalando e mesmo com tantos

segredos, Stormie carregava uma grande culpa e arrependimento, isso se dando quando ela resolve cometer seu primeiro e segundo aborto, processos esses que foram devastadores para a vida dela. São várias experiências que irão sacudir suas emoções e tocar sua alma.

Com uma sinceridade cativante, mergulhamos nas profundezas da dor e da traição, mas também na beleza redentora do perdão e da restauração. Ela nos lembra que, mesmo nos momentos mais sombrios, há sempre uma luz de esperança brilhando, esperando para nos guiar de volta ao caminho da paz e da felicidade. Não se trata apenas de uma história de superação pessoal, mas de um testemunho vivo do amor incondicional de Deus e da capacidade humana de se erguer das cinzas e encontrar a cura, você será inspirado a enfrentar suas próprias feridas e a encontrar o poder transformador do perdão. À medida que você se envolve com a narrativa, será levado por uma montanha-russa emocional de altos e baixos. Você sentirá a dor de suas lutas e a alegria de suas vitórias. E, no final, você será deixado com uma sensação de esperança renovada e uma compreensão mais profunda do poder transformador do recomeço, você será confrontado com as batalhas reais de Stormie, suas lutas internas e as vitórias que ela conquistou com coragem e determinação.

A seriedade deste convite à leitura reside na promessa de uma transformação genuína, frequentemente, possuímos ideias restritas sobre o significado de perdoar. Esta obra questiona tais ideias, incentivando os leitores a enxergarem o perdão como uma atitude de bravura e libertação pessoal, ao invés de fragilidade. Isso pode resultar em uma mudança significativa na forma de compreender o perdão e sua prática no cotidiano. Ao testemunhar a jornada de Stormie, podemos ganhar uma nova perspectiva sobre o

poder do perdão, da cura e da resiliência humana, o que pode impactar profundamente como outras pessoas enxergam o mundo ao seu redor. Minha História de Perdão e Cura oferece uma oportunidade única para uma reflexão profunda sobre temas essenciais da vida, como perdão, cura e transformação.

Somos desafiados a repensar nossas concepções sobre o perdão, convidando-nos a considerá-lo não apenas como um ato de generosidade, mas como um processo de autolibertação e crescimento, nos lembra da importância da resiliência e da fé em tempos de adversidade. Stormie nos convida a fortalecer nossa própria conexão com nossa espiritualidade, encontrando conforto e orientação mesmo nos momentos mais sombrios.

Portanto, convido você a romper barreiras em busca de desbravar a sua história e que possamos ser inspirados a buscar perdão, cultivar cura e abraçar a vida com todo o seu potencial e beleza.

Stormie Omartian é uma autora cristã e palestrante reconhecida internacionalmente por seus livros sobre oração e vida espiritual. Ela nasceu em 1946 nos Estados Unidos e teve uma infância marcada por desafios e dificuldades, incluindo um ambiente familiar conturbado e lutas pessoais. Quando criança sofreu agressões e humilhações impostas pela mãe. A juventude foi marcada por relacionamentos vazios, ansiedade, envolvimento com drogas, abortos e até ocultismo. Apesar de inúmeras oportunidades de seguir uma carreira de sucesso como cantora e atriz, nada parecia contribuir para sua felicidade, pois os pensamentos de morte lhe rondavam dia e noite. Contudo, quando o desespero estava para cobrar seu preço mais alto, ela conheceu Jesus, uma experiência que transformou sua vida radicalmente.

Além de sua vida pública, Stormie é também

conhecida por seu compromisso com a família e com a comunidade, sendo uma defensora apaixonada dos valores familiares e do poder da oração no contexto doméstico.

Stormie é mais conhecida por seu livro *O poder da esposa que ora (The Power of a Praying Wife)*, lançado em 1997, que se tornou um fenômeno editorial e influenciou milhões de mulheres ao redor do mundo a fortalecerem seus casamentos por meio da oração. Desde então, ela escreveu diversos outros livros, incluindo *O poder da mulher que ora (The Power of a Praying Woman)* e *O poder dos pais queoram (The Power of a Praying Parent)*, todos explorando o papel transformador da oração na vida diária.



A UERJ entrou na minha vida através do meu esposo, pois ele quem me incentivou a estudar e a realizar o vestibular, foram meses intensos de muitos estudos, às vezes o medo queria me fazer estacionar os meus sonhos e objetivos. A ansiedade também fez parte desta jornada, mas eu não desisti e persisti até o final e consegui ultrapassar todas as barreiras. Estar cursando pedagogia vai além das minhas expectativas, tenho certeza que será enriquecedor essa minha jornada na pedagogia, será um orgulho imenso trabalhar nesta área tão vasta e ampla de conteúdos que serão de suma importância em todos os aspectos da minha vida.

Me chamo Jailane Santos, tenho 25 anos, casada, baiana e atualmente moro aqui no Rio de Janeiro. Tenho uma escola comunitária em Duque de Caxias que ajuda crianças carentes em situação de vulnerabilidade na comunidade Parque das Missões. Sou evangélica e tenho um amor por música, amo cantar e isso é muito prazeroso, acalma nosso coração. Fazer faculdade sempre foi uma das minhas metas, ter uma formação acadêmica que me abrisse vários caminhos para trilhar em um futuro promissor.

## Meio sol amarelo

João Gabriel Martins Cunha

“O vermelho era o sangue dos parentes massacrados no Norte, o negro era em sinal de luto pelos mortos, o verde era pela prosperidade que Biafra teria e, por fim, o meio sol amarelo, que significava um futuro glorioso” (Chimamanda Ngozi Adichie, 2006, P. 328).

No século XV os primeiros colonizadores chegaram, as disputas locais foram incentivadas e a introdução do comércio em larga escala de escravizados se tornou a principal atividade econômica da região. No século XIX, a Nigéria aos poucos vai se tornando um protetorado britânico, iniciando um período de colonização. A região só se tornou independente no ano de 1960. Mas será que a população de um país tão jovem se sente pertencente? É do interesse dos antigos dominadores um nacionalismo comum na região? Esses e muitos outros questionamentos estão presentes no romance *Meio sol amarelo*.

Chimamanda Ngozi Adiche nasceu no dia 15 de setembro no ano de 1977. É uma ativista feminista nigeriana de Enugu. Foi criada na cidade de Nsukka, cidade universitária que vivem alguns dos principais personagens do romance. A autora estudou medicina por um tempo na Universidade da Nigéria, mas logo jovem se mudou para os Estados Unidos. A obra do convite é seu segundo romance e ganhou o prêmio *Orange price* na categoria melhor ficção de 2007.

A narrativa é contada a partir da perspectiva de três personagens. Ugwu, um jovem que é contratado como um empregado de Odenigbo, um professor e militante universitário de classe média. Olanna, também professora, vem de uma família da alta sociedade. Richard, um jornalista inglês interessado em escrever

um livro sobre a Nigéria. O livro mostra os conflitos entre esses sujeitos na década de 60. Quando o país acaba de conquistar sua independência, com muitos conflitos políticos e étnicos, os separatistas do povo Ibo se unem para fundar uma nação a qual possam viver tranquilamente.

O Estado de Biafra, cuja bandeira dá nome ao livro, foi criado após diversos massacres étnicos nos conflitos entre Ibos, Hauçás e Iorubás. Os Igbos proclamam independência de Biafra, porém seu reconhecimento não significava só sua autodeterminação, A região de seu país tinha petróleo, o ouro negro que as potências tanto ocidentais quanto orientais não podiam deixar escapar de seu controle. Assim, o jovem país teve pouco apoio internacional (apenas cinco países), nenhum poder e foi jogado à própria sorte.

Com a pressão das nações centrais, inicia-se uma guerra de reconquista, a Guerra de Biafra (ou Guerra civil nigeriana). Olanna, Ugwu e Richard vivem esse período a partir de suas realidades, presenciando um dos conflitos mais sangrentos do século XX. Estando entre as vítimas e certas vezes executores da fome, das mortes, do racismo, das relações de gênero e apagamento étnico.

O livro nos faz pensar as questões de gênero, raça, classe e geopolítica a partir de uma perspectiva. Nos traz também uma bela narrativa com uma escrita leve e envolvente. A autora tem mais dois romances renomados tratando de temas parecidos em outros contextos. Tem também um ensaio, um manifesto e uma versão de uma entrevista sua transcrita.



Sou João Gabriel Martins Cunha, nasci no dia 21 de dezembro de 2005. Sou o estereótipo do carioca que ama samba, praia, futebol e carnaval. Sou apaixonado por leitura e me aventuro em todos os gêneros. Encontrei a publicação tratada no convite na biblioteca do décimo primeiro andar da UERJ, onde eu estudo pedagogia. Me interessei ao vê-lo pois já conhecia a autora, mas só tinha lido um pequeno manifesto. Me aventurei e deixo o convite não só para ler "Meio sol amarelo", mas também para se permitir aventurar-se nas mais diversas leituras.

## Minha vida fora de série

Júlia de Jesus Santana

*Minha vida fora de série* foi o primeiro livro que me introduziu ao mundo da leitura. Quando o li pela primeira vez ainda estava no fundamental, foi quando me interessei pela leitura e conheci a autora. Desde então, sempre retomo a leitura, pois foi uma história que me cativou na primeira vez que li. Além de ter um grande valor sentimental pra mim, sua história me encantou e prendeu minha atenção desde as primeiras páginas. Escolhi falar justamente sobre ele, porque foi uma leitura que me apaixonei, que é muito boa de ler e de conhecer mais.

Foi um livro que me cativou desde as primeiras páginas. A leitura é bem fluida e leve. A escritora nos leva para dentro da história, fazendo com que cada leitor se identifique com alguma situação ou alguém. *Minha vida fora de série* é um livro sobre amizade, primeiro amor e todo aquele sentimento de início da adolescência.

A escrita é leve e simples, você lê 200 páginas sem nem perceber. O leitor consegue se imaginar naquele universo. Apesar de ser um livro voltado para o público mais jovem, qualquer pessoa independente da idade, vai gostar e se apaixonar pela saga. Ele possui uma sequência, aonde vai relatando todo resto da história dos personagens. O enredo do livro é de encantar qualquer um, deixa um gostinho de quero mais a cada página.

Paula Pimenta é uma grande escritora de *best-seller* que é muito conhecida entre os jovens leitores, com mais de 900 mil livros vendidos, só aqui no Brasil. Ficou muito conhecida por seus livros de literatura juvenil, como a série *Fazendo meu filme* e *Minha vida fora de*

*série*. É reconhecida também internacionalmente, seus livros já foram publicados em Portugal, Espanha e para toda a América Latina.

Em 2011, lançou seu segundo romance de sucesso que foi o *Minha vida fora de série*, que conta a história da personagem principal Priscilla, umas das melhores amigas de Fani, protagonista de *Fazendo meu filme*. Dentro do mesmo universo, a história ganhou um quinto livro que foi lançado este ano.

A autora tem uma escrita leve e cativante que atrai muitos jovens leitores. Ela é uma das autoras mais populares da literatura contemporânea brasileira, especialmente no gênero infantojuvenil.

Suas obras abordam temas importantes para o público jovem, como amizade, amor e questões familiares, fazendo com que muitos leitores se identifiquem e se sintam dentro da história. Conhecer, entender a trajetória e suas obras pode ajudar a ampliar o repertório literário e cultural, valorizando ainda mais a literatura nacional. Além disso, ao conhecer e apoiar autores brasileiros, estamos contribuindo para a diversidade e representatividade na literatura, permitindo que novas vozes sejam ouvidas.

Durante toda leitura você realmente se sente dentro da história, como um novo personagem. Além disso, você acaba se emocionando por conta dos personagens e pelo enredo da história que acabam lhe comovendo e te levando a outro mundo. Há momentos em que estou lendo este livro que eu me perco e não vejo a hora passar. A Paula Pimenta fez e ainda faz histórias incríveis para todos os públicos, dentre crianças, jovens e até mesmo para o público adulto. Por conta do gênero que ela escreve todos esses públicos são atingidos. Entretanto, esse livro é um daqueles que relatam histórias de amor, que faz a gente sonhar, suspirando pelo romance e torcendo por cada um dos personagens.

E sim, vale super a pena ler!! Histórias de amor são para todas as idades.



Meu nome é Júlia de Jesus Santana, nasci e cresci na cidade maravilhosa do Rio de Janeiro. Atualmente, tenho 18 anos e estou cursando Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que foi um lugar que sempre sonhei em estar desde que me entendo por gente. Assim que entrei no último ano do ensino médio, iniciei um pré-vestibular para ampliar meus conhecimentos de estudo e passar na faculdade dos meus sonhos, a UERJ. A Pedagogia é um sonho antigo, que sempre admirei a área. Até hoje tenho um carinho e admiração por uma professora que se tornou um exemplo profissional para mim.

E alguns dos meus sonhos são, concluir a faculdade, exercer na área que tanto desejo e ter a minha independência.

Além disso, tudo que foi citado acima tenho alguns hobbies que me trazem muita alegria, como por exemplo: ir à praia para passar o dia e assistir o pôr do sol, ler livros, ver filmes, séries e sair para lugares diferentes.

## Convite para um homicídio

Juliana Vieira Ribeiro

*Convite para um homicídio* foi escrito por Agatha Christie — a autora mais publicada de todos os tempos — conhecida por escrever livros que transitam entre o suspense e o romance policial.

Dentre os seus inúmeros trabalhos, há de se falar em seus incontáveis livros, contos, poesias e autobiografias. O talento era tão imenso e diversificado que, tendo sido superada apenas por Shakespeare (e pela Bíblia), a escritora de mistério foi a primeira a alcançar fama internacional como também dramaturga. Conquistou uma infinidade de fãs ao longo de seus cinquenta anos de carreira, além de diversos prêmios e o prestigioso título de Dama da Ordem do Império Britânico.

Com a habilidade extraordinária de criar personagens marcantes e estabelecer reviravoltas que dificilmente poderiam ter sido previstas, optar por essa obra aconteceu justamente em razão do meu fascínio por incógnitas e cenários violentos — desde que muito bem construídos, evidentemente. Ocorre que Agatha Christie usa e abusa de incógnitas em meio a cenários violentos com perfeição, abordando crimes e enigmas cujas soluções costumam trazer ao leitor interesse e expectativa. Não tem como falar de Agatha Christie sem citar sua genialidade e seu talento nato para desenvolver thrillers que tiram o fôlego. Porque embora as suas obras, em grande maioria, chamem a atenção de um nicho específico da literatura, cabe dizer que sua escrita instigante e muito fácil de ser consumida incentiva a curiosidade e a criatividade de uma maneira geral.

*Convite para um homicídio* foi publicado em 1950. Sua narrativa se passa em um pequeno vilarejo pacato e

conta com interessantes passagens que, para além do *plot* central (“O que exatamente aconteceu naquela noite, às seis e meia, na casa da Senhora Blacklock? Teria sido uma tentativa de assalto mal sucedida? Uma morte acidental? Um suicídio planejado ou um assassinato?” Ao decorrer da estória, nos deparamos com uma variedade de questionamentos e palpites que, coadunando com personagens carismáticos e figuras femininas brilhantes em posição de reconhecimento e poder, incitam e incitaram até mesmo os fiéis adoradores de um romance “água com açúcar” a bisbilhotarem até a última palavra da última página do livro.), versam problemáticas que persistem até a atualidade, como a xenofobia, o preconceito e a resistência para com imigrantes, o pavor relacionado a guerras e o constante receio de que mais uma se inicie.

Por fim, indico a leitura de *Convite para um homicídio* para não apenas aqueles que idolatram o suspense, mas para quem busca obras que retratam mulheres extraordinárias numa época em que suas capacidades estariam sendo constantemente questionadas. Porque, muito facilmente e contrariando as expectativas de que uma mulher não pode ser brilhante, Agatha Christie mostra tanto brilhantismo quanto singularidade em cada linha de sua própria criação ao entrelaçar mortes, questões familiares, mistérios, de vez em quando alívios cômicos e empoderamento feminino num único espaço.



Juliana Vieira Ribeiro, 24 anos, advogada não praticante e futura psicopedagoga. Formada em Direito pela Universidade Estácio de Sá, atualmente cursando o primeiro período de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Única filha, irmã mais velha e madrinha apaixonada de uma garotinha encantadora. Escritora de gaveta. Meio Alice – meio Chapeleiro, a depender do dia e do humor. Dicotômica e intensa como uma canceriana nata. Mulher cisgênero, bissexual e buscando seu lugar no mundo – não só isso, buscando usar da própria voz e dos próprios privilégios para tentar tornar o mundo minimamente mais justo.

Aficionada por filmes noir e literatura que envolvam horror – em especial aquelas que abordam a psique humana e como os indivíduos são capazes de trazer dor e sofrimento a outrem por qualquer que seja o motivo. Sob essa premissa, portanto, a escolha para o referido trabalho não poderia ter sido muito diferente.

## Extraordinário

Kaylane Rangel Porto Pinto

O livro *Extraordinário* é uma obra da autora e ilustradora Raquel Jaramillo, sob o pseudônimo R. J. Palacio, natural de Nova York, Estados Unidos. Antes de publicar essa obra, que foi o seu primeiro livro, R.J. Palacio trabalhou como designer gráfica por mais de vinte anos em uma grande editora.

Raquel Jaramillo Palacio, de 60 anos (nascida em 13 de julho de 1963) publicou dez livros, todos Infantojuvenis, sendo referência no gênero. Ela adentrou no mundo dos livros como ilustradora, desenhou muitas capas, tanto de seus livros quanto de outros autores. Durante as primeiras duas décadas de sua carreira, ela escreveu livros à noite, após seu trabalho diurno como designer, era o único tempo que ela tinha para se dedicar à paixão pela escrita. Raquel levou muitos anos para se consagrar no mundo dos autores, sendo muito esforçada e exercendo mais de um trabalho ao mesmo tempo. Ela é uma mulher multifacetada e muito talentosa, importantíssima para o gênero em que transita.

Escolhi esse livro, pois na minha opinião ele aborda um assunto muito importante pra nós, futuros pedagogos, que é a inclusão e a necessidade de aceitar as diferenças, tanto as nossas quanto as dos outros! Além disso, o livro passa uma mensagem de superação e lições de amizade, empatia e coragem, sendo um livro para todas as idades.

*Extraordinário* vendeu mais de 12 milhões de exemplares no mundo todo e ganhou uma adaptação em filme, que foi um grande sucesso nos cinemas.

O livro conta a história do menino August Pullman, apelidado carinhosamente como Auggie, um doce

menino de 10 anos que sofre da síndrome de *Treacher Collins*, que causa uma severa deformação facial. Mesmo após 27 cirurgias, durante toda a sua vida Auggie teve que tolerar olhares de estranhamento vindo de crianças e adultos, apesar de ser um menino muito inteligente e comunicativo sua família tinha medo de que o machucassem e então, só depois de muita insistência ele passou a ir para a escola tardiamente e a conviver com crianças da mesma idade.

Durante a história, Auggie passa por muitos momentos que nos fazem questionar sobre nós mesmos, sobre o que nós fazemos para combater o *bullying* e a exclusão, assunto que muitas vezes não recebe a devida importância pelos adultos, responsáveis e até mesmo professores e diretores escolares, mas que é algo que implica muito durante toda a vida de quem sofreu com isso, causando marcas para toda a vida do indivíduo. No livro, há também outros personagens com muitas camadas que merecem a atenção especial do leitor, como Olivia, a Via, irmã mais velha do Auggie que passa por conflitos internos típicos da adolescência, com dificuldades nas relações e amizades; Miranda, que era a melhor amiga de Via até chegarem ao ensino médio e terem um afastamento; a mãe da Auggie, Isabel Pulmann, uma desenhadora que cria universos em torno do seu filho, ela sempre o incentivou a usar a imaginação.

*Extraordinário* nos traz uma leitura leve e divertida, com uma linguagem ágil, fluente e agradável, mas que ao mesmo tempo nos faz refletir e traz lições importantes que levaremos para toda a vida, e o mais incrível é que a maioria dessas lições são passadas através da narrativa de uma criança! A narração é feita sempre em primeira pessoa, a voz narrativa não é exclusivamente do Auggie, outros personagens também narram suas versões sobre determinados

acontecimentos juntos a ele, parece que estamos lendo o diário de cada personagem da história, o que em minha opinião, é um dos pontos mais altos dessa obra. É um livro que ajuda as crianças a entenderem e aceitarem que seus colegas podem ser diferentes, e pra nós adultos, faz repensar as atitudes que tivemos durante toda a vida.



Meu nome é Kaylane Rangel, tenho 20 anos, sou graduanda de pedagogia apaixonada por literatura infantil/romance e te convido para mergulhar nessa história incrível junto comigo!

## Ensinando a transgredir

Stefanny Sodré de Azevedo

Quem nunca durante a vida ou dentro da vida acadêmica buscou um referencial? Um autor (a), um parente, um professor, qualquer coisa que trouxesse significado para sua existência, algo ou alguém em que pudesse se inspirar durante a vida... Talvez eu não estivesse procurando, mas encontrei, encontrei alguém que me permitiu sentir que eu estava no caminho certo nas escolhas que fiz na vida.

Em uma grande jornada em me tornar professora, encontrei o livro *Ensinando a transgredir- A educação como prática de liberdade*, de bell hooks. É um livro no qual tenho muita afinidade e que me trouxe muitas respostas para a vida e a profissão docente. Indico esta leitura, na esperança que outras pessoas, assim como eu, possam sentir-se acolhidas pela escrita de hooks, uma mulher preta, professora e ativista que acredito na importância de se falar e ler sobre ela, nos ensinando a essência da educação e como podemos repensar as práticas de ensino. Tenho grande admiração, não somente pela sua escrita, mas por me sentir tão acolhida e representada pela sua escrita e tudo o que discute ao longo do livro. Certamente, admiro sua coragem como mulher, sobretudo como mulher preta em questionar a escrita de Paulo Freire, educador Brasileiro com grandes obras publicadas que foram lidas e até mesmo criticadas por hooks. Mesmo com algumas críticas à escrita de Freire, ele ainda sim foi um referencial para a escrita e entendimento de hooks durante a produção do seu livro. Sinto-me encorajada por ela em saber que assim como ela, não só posso como devo me sensibilizar com o outro, de maneira que eu seja intermediária em seus processos, entendendo

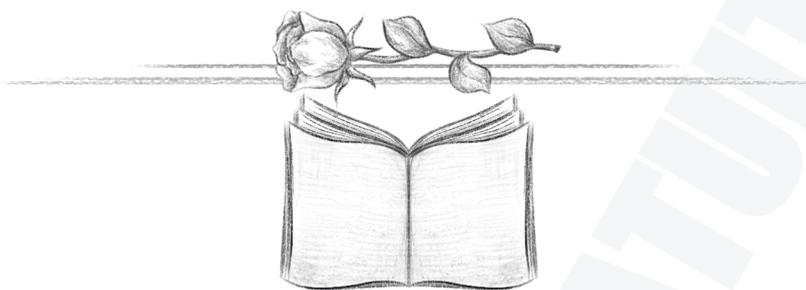
também, que a educação é capacitante e que ela aumenta a nossa capacidade de sermos livres e nos encorajando ao longo do livro com estratégias, reflexões e críticas sobre a prática pedagógica.

A obra de hooks tem grande importância na minha escolha em me tornar professora. Através deste livro, pude ser respondida quanto aos diversos questionamentos que, ao longo da minha vida, nunca havia encontrado respostas para eles.

bell hooks foi uma importante escritora, intelectual, ativista negra, professora e pensadora norte-americana, nascida em 25 de setembro de 1952, batizada pelo nome de Gloria Jean Watkins; conhecida pelo seu pseudônimo bell hooks em homenagem a sua avó, escrito em letras minúsculas em forma de posicionamento político, pois para ela, era mais importante que sua escrita fosse evidenciada, e não ela como pessoa. Autora de mais de 30 livros publicados com temas como; a luta contra o racismo, a importância do amor, desigualdade social e de gênero, supremacia branca e justiça social, entre outros. Hooks escreveu poemas, livros teóricos e literatura infantil, sendo hoje, uma das grandes pensadoras e ativistas em defesa do movimento feminista, da luta racial e de classe.



Eu sou Stefanny Sodré de Azevedo, tenho 23 anos e sou estudante do 5  período do curso de Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, moradora do bairro de Campo Grande localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro.



Este livro foi produzido com os recursos:  
"Bolsa Proatec UERJ (Nível 4)",  
Coordenado por Alexandra Lima da Silva.





DISCOVER